

convergência

MAR — 1973 — ANO VI — N.º 55



- **MISSÃO E COMUNIDADE, página 9**
Frei Hugo D. Baggio, OFM
- **O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO, página 37**
Irmã Clare Teresa, R.A.
- **CASA DE ORAÇÃO, página 24**
Pe. Bernardo Haering, CSSR
- **VIDA RELIGIOSA E SUAS DIACONIAS, página 19**
Frei Urbano Plentz, OFM
- **ANO DE ATUALIZAÇÃO SACERDOTAL, página 45**
Pe. João E. M. Terra, SJ

Diretor-Responsável:
Frei Constâncio Nogara

Redator-Responsável:
Padre Marcos de Lima

Direção, Redação, Administração:
Rua Dom Gerardo, 40 — 5.º andar
(ZC-05) — 20 000 — RIO DE JA-
NEIRO — GB

Assinaturas para 1973:

Brasil: via terrestre Cr\$ 40,00
 via aérea Cr\$ 45,00
Exterior: US\$ 12,00
Avulso Cr\$ 4,00

Os artigos assinados são da res-
ponsabilidade pessoal de seus au-
tores.

Composição: Compositora Helvé-
tica Ltda., rua Aníbal Benévolo, 173
Rio de Janeiro - GB.

Impressão: Oficinas Gráficas da
Editora VOZES Ltda., rua Frei Luís,
100 — 25600 — Petrópolis, RJ.



SUMÁRIO

EDITORIAL	1
INFORME DA CRB	3
MISSÃO E COMUNIDADE , Frei Hu- go D. Baggio, OFM	9
VIDA RELIGIOSA: UNIDADE E PLU- RIFORMIDADE DE DIACONIAS , Frei Urbano Plentz, OFM	19
CASA DE ORAÇÃO , Pe. Bernardo Haering, CSSR	24
A XIII ASSEMBLÉIA DA CNBB	31
O DESENVOLVIMENTO DA EDUCA- ÇÃO , Irmã Clare Teresa, R.A....	37
ANO DE ATUALIZAÇÃO (INSTITU- TOS E FACULDADES) , Pe. João E. M. Terra, SJ.....	45
LIVROS NOVOS	57



Na XIII Assembléia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, ao se tratar do tema **"Vida Religiosa e Igreja Local"**, numerosos bispos, responderam que sem os religiosos e as religiosas, suas dioceses não poderiam subsistir. Isso vale dizer que na maioria das Igrejas particulares (dioceses e prelazias), os religiosos são os agentes de pastoral mais numerosos e qualificados. Apesar da diversidade e volume de trabalhos apostólicos que a Igreja pede aos religiosos, nem por isso deixam eles de se sentir fiéis continuadores do carisma do Fundador. Acentuamos sempre que o religioso deve antes **ser** que **fazer**. A expressão precisa de esclarecimento. Uma comparação nos ajudará. A fé tem um aspecto teórico, enquanto buscamos entender o que significa e como se processa o relacionamento do homem com Deus. Se ficássemos, porém, só nisso, nossa fé não conduziria a nada. Daí as afirmações na Epístola de São Tiago. A vida religiosa precisa antes **ser**. Mas este ser se expressa na realização de algo, de alguma ação pastoral. Eu manifesto que sou, agindo.

Portanto, o apostolado é minha maneira de ser religioso.

Le# Não será o agir, a realização de obras pastorais, por mais diversificadas e intensas que sejam, que destruirá meu ser religioso. A distorção virá se nos lançamos a fazer coisas, sem ter o coração e a mente em permanente escuta do Senhor.

Se buscamos com sinceridade o Senhor, encontraremos nosso ser em comunhão com ele, em qualquer trabalho, em qualquer hora, individual e comunitariamente.

A análise que a **Irmã Clare Teresa** faz do Documento "O desenvolvimento e a Educação" dará um subsídio valioso para todos os educadores católicos.

Apresentamos também uma visão panorâmica das "Casas

de Oração". Quem escreve é o **Padre Bernardo Haering**, fundador do movimento.

Neste número está o artigo de **Frei Hugo Baggio**, analisando a vida da comunidade, engajada na missão. Uma comunidade pode pensar em suscitar outras comunidades, quando ela vive profundamente o amor fraterno; contrariamente "faz mais mal do que bem". São reflexões realistas, que têm aplicação imediata em todos os movimentos de comunidades eclesiais de base, nas quais os religiosos andam muito empenhados.

Frei Urbano Plentz focaliza a missão na vida religiosa enquanto manifestação do pluralismo de diaconias. Cada grupo religioso tem sua "missão específica", e será no cumprimento desta missão que ele será religioso.

Aos nossos leitores desejamos um empenho profundo na vida da Igreja, numa incansável busca de fidelidade ao Senhor.

Creemos que será este o caminho para testarmos a autenticidade das múltiplas manifestações de novos modos de viver a vida religiosa.

Frei Constâncio Nogara, OFM

INFORME

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

A V ASSEMBLÉIA GERAL DA CLAR

1. Introdução

A Confederação Latino-Americana de Religiosos (CLAR), é a união de todos os religiosos e religiosas, através das respectivas Conferências Nacionais. Existem na América Latina 21 países que têm Conferências: Argentina, Uruguai, Paraguai, Brasil, Bolívia, Chile, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Panamá, Costa Rica, Nicarágua, Guatemala, Honduras, El Salvador, República Dominicana, Haiti, Cuba, Porto Rico e México.

Estes países estão divididos em quatro regiões. Cada região tem três representantes que, juntamente com o Presidente, os três Vice-Presidentes e o Secretário Geral, formam a Diretoria da CLAR. Esta se reúne, ao menos, uma vez por ano. De três em três anos, há a Assembléia Geral, composta pela Diretoria e mais três representantes de cada país.

2. Local e Participantes

A V Assembléia Geral da CLAR teve lugar em Medellin, Colômbia, nos dias 17 a 27 de janeiro próximo passado. Estiveram presentes 17 Conferências. Não compareceram: Nicarágua, Guatemala, Haiti e Cuba. Houve 64 participantes, representando 32 Congregações:

18 femininas e 14 masculinas. Dos 64 participantes, 38 eram homens (2 bispos, 28 religiosos padres, 8 irmãos) e 26 religiosas. Quarenta e sete participantes eram da América Latina, 12 de origem espanhola, 1 alemão, 1 canadense, 1 dos Estados Unidos, 1 holandês e 1 iugoslava.

Representaram o Brasil: Irmã Helena Ferreira, Irmã Henriqueta Furtado, Irmão Alfredo Henz, Irmão Arno Bonfleur, Frei Constâncio Nogara e Frei Leonardo Boff, este a convite especial da CLAR.

3. Programa

Basicamente o programa da Assembléia abrangia quatro partes: Análise do funcionamento da CLAR (como organismo); Estudo e aprovação final do Documento **Vida em e segundo o Espírito, nas Comunidades Religiosas da América Latina**; Eleição da nova Diretoria; Aprovação de algumas resoluções finais. Vejamos parte por parte.

3.1. Análise do funcionamento da CLAR. Fez-se uma análise dos últimos três anos, através dos relatórios do Presidente, Pe. Manuel Edwards; do Secretário Geral, Pe. Luís Patiño e da Tesouraria. As atividades do Presidente se assinalaram sobretudo no relacionamento internacional: contatos com to-

das as Conferências Latino-Americanas, com as Conferências dos Estados Unidos e Canadá e de alguns países europeus. Uma das importantes tarefas do Presidente é o relacionamento com a Congregação dos Religiosos, com a Adveniat, com o Latin American Bureau e com o CELAM.

O relatório do Secretário Geral sublinhou as múltiplas atividades que ocuparam a CLAR nestes últimos anos: seminários, cursos, encontros, relações com Conferências, com a Congregação dos Religiosos, com a UISG, com o CELAM e outros organismos ligados à Igreja da América Latina. Neste período fizeram-se vários estudos e publicações: **Formação para a Vida Religiosa na América Latina; Pobreza e Vida Religiosa na América Latina; Vida Religiosa Feminina na América Latina.**

Sob a responsabilidade do Secretariado Geral esteve a maior parte das iniciativas no sentido de cumprir o objetivo da CLAR: "Promoção, renovação e adaptação da Vida Religiosa na América Latina".

O relatório financeiro suscitou também louvores. Nesta primeira parte foram ainda apresentados breves relatórios por parte das Conferências. A CRB mereceu grande destaque.

Questionamentos à CLAR. Surgiram algumas críticas à ação da CLAR, de dois países sobretudo. A Assembléia as analisou seriamente, tendo presentes os seguintes princípios: **I.** Com atitude adulta, sem temor, a Assembléia se perguntou pela origem das críticas e que sentido tinham. **II.** Serena e evangelicamente analisou uma a uma. Constatou que a quase totalidade carecia de fundamentos. Buscou, no entanto, des-

cobrir as causas. **III.** Algumas críticas foram justas, o que possibilitou um melhoramento e um caminhar.

Constatou-se que os mal-entendidos surgiram por deficiência de informações. Muito nos alentou a apreclação positiva dos bispos que participaram da Assembléia do CELAM em Sucre. Creio que a palavra do Presidente da CLAR é esclarecedora: "Um organismo que não suscita crítica, não interessa mais." Isto vale sobretudo no mundo pluralista em que vivemos hoje.

3.2. Vida em e segundo o Espírito nas Comunidades Religiosas da América Latina. A análise e aprovação final deste estudo foi o trabalho central da Assembléia. Todas as Conferências tiveram oportunidade ampla de dar suas contribuições para a sondagem que se realizou em 1972 e para os dois encontros de peritos, em San Miguel (Argentina) e Quito (Equador).

Mais uma vez o Brasil se destacou, seja pelo volume de contribuições enviadas decorrentes da sondagem, seja pela presença de teólogos nos encontros preparatórios. O Documento, de excelente teor teológico, será publicado nos próximos meses pela CRB.

Além de uma **Introdução** (Atitudes novas e situação de crise) e de um **Epílogo** (A vida segundo o espírito e a alegria de ser num mundo em crise), o Documento abrange cinco capítulos:

I — EXPERIÊNCIA DE DEUS

- Experiência religiosa
- Experiência cristã
- A experiência do religioso

II — A VIDA EM E SEGUNDO O ESPÍRITO

III — AS DIMENSÕES DA VIDA SEGUNDO O ESPÍRITO

- Abertura para Deus
- Abertura para o homem
- Abertura para o mundo
- Maria figura e modelo da vida segundo o espírito

IV — A MANEIRA CARACTERÍSTICA DE EXPRESSAR A VIDA EM E SEGUNDO O ESPÍRITO

- A consagração pública
- Como se vive a consagração (com dez subtítulos).

V — A VIDA CONSAGRADA COMO TESTEMUNHO PÚBLICO NA AMÉRICA LATINA.

O Documento, tal qual o temos em mão, foi aprovado unânimemente pela Assembléia.

3.3. Eleições: Estas se realizam de três em três anos. Saíram eleitos os seguintes: **Presidente:** Pe. Carlos Palmés, SJ (Bolívia). **Vice-Presidente, religiosos padres:** Frei Constâncio Nogara, OFM (Brasil). **Vice-Presidente, religiosas:** Irmã Isabel Lara, OP (Colômbia). **Vice-Presidente, irmãos:** Irmão Avelino Fernandez, Lassalista (República Dominicana). **Secretário Geral:** Frei Luís Patiño, OFM (Colômbia). Além destes, cada uma das quatro regiões elegeu mais três representantes. Esta Diretoria permanecerá por três anos.

3.4. Resoluções da Assembléia. A conclusão mais importante foi a aprovação do Documento **Vida em e segundo o Espírito nas Comunidades Religiosas da América Latina**, com uma espe-

cial insistência para que as Conferências Nacionais promovam a divulgação e estudo. Aqui no Brasil, nós pretendemos publicá-lo o quanto antes e propô-lo como tema de reflexão para todas as Assembléias Regionais.

A CLAR iniciou em 1972 um estudo sobre **Vida Religiosa e situação sócio-política na América Latina** que, por vários motivos, não teve prosseguimento. A Assembléia pede às Conferências que promovam o estudo do tema através de grupos de especialistas em Teologia, Sociologia, Ciências Políticas e História da América Latina. Como se vê, o processo aprovado difere do adotado em outros Documentos, onde o estudo era feito indistintamente, por todas as comunidades religiosas. Justifica-se este encaminhamento por causa da natureza especial da matéria.

Aprovou igualmente a realização de um estudo, CELAM-CLAR, sobre o **Sig-**

nificado das Comunidades religiosas nas Igrejas da América Latina. Terá início neste ano.

Além destes estudos, incentivaram-se outros, já em andamento: Estudo sociológico sobre os religiosos e religiosas da América Latina. Vida religiosa e pastoral de juventude. Vida religiosa e missões na América Latina. Curso de atualização. Curso para formadores.

4. Apreciação final

Os organizadores, especialmente o Secretariado Geral, mereceram um voto de louvor, pela excelente preparação, local, acolhida e ambiente da Assembléia. A fraternidade foi a característica comum; não obstante a diferença de posições, de mentalidade, tipo de enfoques teológicos sobre Vida Religiosa, houve um consenso unânime nos pontos fundamentais, expressando busca, abertura e coragem. Participantes que no início se opunham ao Documento **Vida em e segundo o Espírito nas Comunidades Religiosas da América Latina**, após os dias de convívio e diálogo franco, desfizeram os mal-enten-

tidos e se solidarizaram ao plenário. Estes confrontos possibilitaram um trabalho equilibrado e maduro.

Para os representantes a troca de experiências com outras Conferências foi um grande enriquecimento. É o melhor processo para quebrar o isolacionismo. Todos têm o que dar e o que receber. Os fracassos de uns são incentivos para outros. As boas realizações, sinais de esperança.

Um dos bons resultados foram os esclarecimentos francos e objetivos que se deram a certas acusações infundadas contra a CLAR, provenientes de ambientes menos informados. Cremos que a V Assembléia da CLAR marca um passo bem definido em sua história: um organismo que toma consciência de sua adulez e de sua missão. Nenhuma Conferência Nacional poderia estar em comunhão com toda a América Latina, conhecer os novos caminhos que a Vida Religiosa busca, as necessidades diferenciadas de um país para outro, sem a existência da CLAR. Limitações existem onde existem homens. Mas as grandes realizações nascem onde os homens se dão as mãos.

DIOCESE DA BARRA (BA) À CRB

À
Diretoria da Conferência dos Religiosos do Brasil:

Caros Amigos,

Remetido do Rio aos 25 de outubro, recebo hoje, aos 5 de dezembro, — o Correio funciona lentamente neste interior do sertão baiano — o PROSPECTO da CRB sobre as atividades de janeiro a junho do corrente ano (1972).

Percorrendo os dados fornecidos a respeito das atividades tanto da CRB-Nacional como das Regionais, fiquei impressionado pelo volume de

trabalho de formação espiritual e apostólica, realizado em apenas meio ano pela **nossa CRB**, promovendo, animando e coordenando.

Fizeram bem publicar e divulgar largamente estes dados de atividades que, mais do que as realizações no setor econômico-financeiro no passado, estão promovendo os religiosos e religiosas do Brasil. Será que devemos aplicar aqui o adágio: "Há males que vêm para o bem?"

Em todo caso, deve ser para a atual Diretoria um consolo nas imensas tribulações sofridas nos últimos tempos, em primeiro lugar para o valente Presidente. Para os religiosos e religiosas, como ainda para os Bispos, deve ser um motivo para intensificar sua participação na solução das atuais dificuldades financeiras e sua confiança na dinâmica e esclarecida direção da CRB.

Com os meus mais sinceros parabéns e votos para um 1973 menos tribulado, *in caritate non ficta*,

† **Tiago G. Cloin**

Bispo de Barra — BA

NÚMEROS QUE FALAM

Sem maiores comentários transcrevemos aqui dois quadros estatísticos. O primeiro referente a todo o Seminário Maior do Viamão, RS. O segundo referente aos Seminaristas Maiores da Arquidiocese de Porto Alegre que estudam naquele seminário.

Quadro n.º 1

Alunos do Seminário Maior do Viamão

Ano	Filosofia	Teologia	Internato	Externato	Total
1967	113	135	210	38	248
1968	115	151	219	47	266
1969	129	98	158	69	227
1970	127	83	152	58	210
1971	145	76	157	64	221
1972	161	67	155	73	228

Quadro n.º 2

Seminaristas Maiores de Porto Alegre

Anos	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972
Filósofos	13	17	20	22	27	21	22
Teólogos	24	22	21	16	14	24	26
Total	37	39	41	38	41	45	48

A XIII ASSEMBLÉIA GERAL DA CNBB

Nos dias 6-15 de fevereiro teve lugar no **Alfonsianum** (Casa de Formação dos Padres Redentoristas), no quilômetro 19, da Rodovia Raposo Tavares, em São Paulo, a XIII Assembléia Geral da CNBB. Pela ampla cobertura jornalística que teve, todos pudemos acompanhar de perto o desenrolar dos trabalhos.

Foram relacionados nos grupos de trabalho os nomes de 209 bispos presentes e 48 assessores, dentre estes, três religiosas. A presença dos bispos foi boa, comparando-se às Assembléias anteriores.

Não obstante os dez dias de duração, no final quase faltou tempo, o que demonstra a sobrecarga de assuntos, como se vê na lista que segue:

1. Teologia e Prática da Dimensão Comunitária da Igreja Particular, com exame da situação após o Concílio Vaticano II.
2. Reflexão Teológico-Espiritual sobre o Espírito Comunitário.
3. A Declaração Universal dos Direitos da Pessoa Humana no seu 25.º aniversário.
4. Os novos Códigos Penal e Civil.
5. Assuntos de Liturgia:
 - a. Pastoral do Batismo
 - b. Ano e Congresso Eucarístico Nacional
 - c. Cânon 1098 (forma extraordinária do Matrimônio)
 - d. Comunicações diversas.

6. Implantação do Dízimo.
7. Manutenção do Clero e de outros Agentes Pastorais.
8. Reorganização dos Tribunais Eclesiásticos no Brasil.
9. Normas para a nomeação de Bispos.
10. Sentido da "representatividade" da Comissão Representativa da CNBB.
11. Alienação de Bens Eclesiásticos.
12. Balanço e Orçamento da CNBB.
13. Sede da CNBB em Brasília.
14. Eleição do Delegado e Substituto junto ao CELAM.
15. Comunicações.

Além destes, o Plenário votou a inclusão de mais nove temas tratados em comissões especiais.

Os temas fundamentais foram dois: Igreja Particular e Direitos da Pessoa Humana. Com estes a Assembléia se ocupou nos quatro primeiros dias. Dentre os demais temas, mereceu destaque a Liturgia, por se tratar da vitalidade diária da Igreja.

Destaques sociais: houve a despedida oficial do Núncio Apostólico, Dom Humberto Mozzoni e a presença dos dois novos cardeais: Dom Paulo Evaristo Arns (São Paulo) e Dom Avelar Brandão Vilela (Salvador).

A Assembléia transcorreu em muita harmonia e grande fraternidade.

MISSÃO E COMUNIDADE

Frei Hugo D. Baggio, OFM

1. A experiência posta em comum

O tema que nos propusemos tratar — procurando ser mais práticos que especulativos — tem dois confluente carregados de energias que bem podem estabelecer tensões, como podem harmonizar-se e desembocar numa poderosa fusão: **comunidade** e **missão**. Não queremos discutir os termos. Apenas lembrar que existe uma teoria e uma realidade. Corremos o perpétuo risco de bolar belas teorias que no encontro da realidade se chocam com os obstáculos naturais, fazendo-nos experimentar uma sensação de fracasso ou até mesmo de impossibilidade de unir o ideal (aquilo que nos arrasta) e a realidade (aquilo com que nos deparamos). Mas lembremos: as teorias devem ser testadas e amadurecidas na experiência. E o melhor laboratório para amadurecer idéias é uma comunidade, onde um grupo pode debru-

çar-se sobre elas, perscrutá-las, analisá-las, prová-las, rejeitá-las ou assumi-las, implantá-las e passá-las adiante. Como cada membro tem seu modo peculiar e pessoal de ver e julgar, a idéia é vivificada em todas suas riquezas ocultas, que trazidas à luz, constituem o amadurecimento da idéia.

Nesta partilha, lembraria o I Capítulo do **Treinamento em Dinâmica de Grupo**, de Lauro de Oliveira Lima (1). Remetemos o leitor à obra e apenas recordamos resumidamente: todo homem tem uma experiência que merece ser transmitida aos outros homens. A experiência pessoal acumulada no correr da vida, quando não encontra clima de **comunidade** estiola-se e perde-se. Além de significar uma perda de experiência em si, há um empobrecimento da comunidade, porque não se beneficia do esforço pessoal, pois “pequenas economias

devem ser somadas para possibilitar os grandes investimentos". Minha experiência não me pertence. Pois ela é minha cultura e "a cultura de cada um tem uma finalidade social; usa-la em seu próprio e exclusivo proveito é violação do pacto social".

Estas considerações nos colocam frente à comunidade como elemento receptivo. Esta capacidade receptiva da comunidade desencadeia em mim o processo transmissor. Porque o interlocutor obriga-se a comunicar-me, mesmo que em mim haja algum bloqueio que, no momento, me indis põe à comunicação. A comunidade me força a dar. É esse um dos seus aspectos.

Mas existe o outro aspecto também: a comunidade que dá, que oferece, que se coloca à disposição, fonte onde vou haurir as energias e a riqueza toda de sujeito ao nível da reciprocidade. É o início de meu processo de relacionamento, e também de meu sucesso, pois "tudo o que sabemos foi transmitido pela comunidade. Sem o grupo social não falaríamos sequer. Milhares de pessoas pensaram os pensamentos que formam hoje a cultura de cada um. Sem o grupo em que vivemos, não chegaríamos jamais a ser inteligentes e amorosos. "A situação de grupo" é a própria condição de crescimento e de maturação para o ser humano. (O "menino-lobo" atesta que sem comunidade não nos tornamos homens...)

Essas afirmações nos dizem: se a comunidade precisa de mim para existir, preciso eu dela para ser. Por isso, estas considerações devem

nos penetrar e atender em nós, para que não nos enclausuremos em algumas idéias ou conceitos, muito pessoais, acanhados e cômodos, incorrendo na censura: "cada homem que se inclausura trai a confiança da geração seguinte, fazendo parar em suas mãos egoístas o bastão da experiência humana".

2. Partilha espiritual

Transpondo esses elementos para o campo espiritual da missão confiada aos religiosos, compreenderemos o papel da vida comunitária. Cristo reuniu em torno de si um grupo de homens, com quem estabeleceu relacionamentos comunitários, não apenas para oferecer aos seus continuadores um clima especial de separação, onde pudesse, especificamente, prepará-los para a missão, mas para ele mesmo ter a sua comunidade, na qual se estabelecesse o maravilhoso processo de ida-e-volta das experiências. Quando os convidou a descansar não foi apenas para ouvir as narrativas de seu trabalho ou escutar a prestação de contas da missão confiada, mas foi também para partilhar da riqueza do grupo, onde a mensagem é como que refletida por muitos espelhos e por outros tantos recebida, multiplicando assim seus ângulos e, conseqüentemente, possibilitando captá-la com maior precisão.

Essa comunidade associou-a Cristo ao seu mistério de salvação que perpetua através do tempo. Se à Igreja compete continuar no tempo a presença e a ação salvadoras, a vida religiosa — como expressão essencial da vida da Igreja — deve

representar, na Igreja, o estilo de vida e de missão de Cristo. Afinal, não quer dizer vida conforme os apóstolos a vida **apostólica**? A vida religiosa torna-se essencialmente apostólica por ser uma consagração total e imediata de amor a Deus, na Igreja e para a Igreja, e por ser sinal e presença da vida de Cristo na mesma Igreja.

Mas a Igreja também é apostólica pelas atividades que realiza. E as chamadas congregações “de vida ativa” surgiram na Igreja com uma tarefa apostólica e finalidades bem precisas. E mais ainda: esta atividade apostólica pertence à natureza mesma da vida religiosa destes institutos, como o afirmou o Concílio. E recordemos: é a Comunidade que recebe e realiza a missão na Igreja. Aprovando e assumindo um instituto **apostólico**, a Igreja lhe reconhece um papel específico. Por isso, cada membro de uma comunidade deve ter gravado na mente e no coração o trabalho confiado ao instituto, isto é, à comunidade e acolhê-lo em si.

Pertencendo, pois, conforme o Concílio “a ação apostólica e benéfica à própria natureza da vida religiosa”, gostaríamos que o termo **vida religiosa** não se descolorisse nem diluísse, aqui, num sentido genérico de organização, mas sim, como a vida que os membros de um instituto levam, exatamente porque se consagraram a este instituto. Ou seja: ao abraçar a vida religiosa, abraçei o apostolado e, deste momento em diante, o apostolado me possui: vida dos apóstolos, tarefa dos apóstolos. Assim, o apostolado não se me torna uma

obrigação (muito menos, uma fatalidade), mas um modo de ser meu. Não abrange alguns momentos limitados pelo tempo, nem se concentra em um grupo de obrigações ou se esgote numa função. É um espírito dentro do qual me movimento. É a “caridade de Cristo que me impele”. Daí toda a atividade apostólica vem revestida do espírito religioso. O apostolado é a minha maneira de ser religioso, de viver a vida religiosa. Nasce daqui o íntimo relacionamento comunidade e missão.

3. Vida comunitária, a fonte

O decreto **Perfectae Caritatis**, no seu n.º 15, ao falar da vida comum, afirma: “a união entre irmãos chega mesmo a manifestar o advento de Cristo e dela emana uma grande força apostólica”. Achamos mesmo que o Concílio foi benigno e suave na adjetivação: a união não é apenas uma “grande” força. É a força. É força indispensável. Requisito fundamental. Não conseguimos imaginar uma vida apostólica eficiente e organizada, fecunda e convincente, sem uma vida em comum profunda.

“Enumeramos, entre as coisas urgentes, a renovação no Espírito sob seu aspecto comunitário: tornar as comunidades pneumáticas! Enquanto não tenderem seriamente a isso, são fatores de inconsistência e de degradação. Líquidos de cultura de vírus. Com as melhores intenções do mundo, às vezes, com admirável generosidade... (3). Pouco antes, o mesmo Autor indicara entre as três principais exigências

Ao homem cansado das lutas diárias e dos encontros decepcionantes é sempre grato voltar ao lar onde a esperança de algumas horas tranquilas o refaz para o amanhã que o aguarda.

da vida religiosa o caráter fraterno: "será necessário que as diversas comunidades e cada família religiosa, em seu conjunto, "psíquicos" demais, como o são com frequência — joguete de tantos impulsos passionais — tornem-se verdadeiramente "espirituais", que criem ambientes vivificantes segundo o Espírito".

Sem dúvida, palavras sérias e graves que deveriam nos fazer parar um instante no nosso afã de buscar homens para dar-lhes mensagens, sem sermos nós antes homens da mensagem; devemos parar no nosso afã de costurar palavras para formar mensagens, para deixar antes que as palavras germinem em nós; parar de jogar mãos-cheias de palavras, para acolhê-las e acalentá-las antes em nós.

É preciso parar no nosso afã de fundar grupos ou comunidades de base, para sermos nós mesmos antes homens de grupo e de comunidade; precisamos silenciar um pouco, ou ao menos atenuar, nossa propaganda sobre o valor dos grupos, para nós mesmos acreditarmos numa mística do grupo, dentro do qual fomos inseridos. Melhor: nós nos inserimos por chamado do Pai; paremos de querer reformar a Igreja e a sociedade através do trabalho de equipe, se não funcionamos nós mesmos dentro de nossa equipe. Não sei onde S. Teresa escre-

veu isso ou se o escreveu mesmo assim, mas sempre me impressionou a frase: "O religioso que não for santo, não saia do convento, pois fará mais mal do que bem". Não poderíamos parafrasear a Santa e dizer: se não funcionas na tua comunidade, fica por lá mesmo, pois nas outras comunidades farás mais mal do que bem? Ou ainda: se os religiosos não conseguem ter comunidades no sentido específico e original do termo, como poderão querer fundar, orientar ou modificar comunidades de leigos?

Ao fazermos o balanço das nossas realizações será que não esquecemos este pormenor e atribuímos o não-funcionamento ou o mau-funcionamento à organização ou aos processos ou métodos? Parece que incorremos, não raro, no charlatão que banca o médico: chega o paciente de pés inchados e manda cortar-lhe os pés, sem ter capacidade de descobrir que a inchação dos pés provém de um distúrbio cardíaco. É portanto não é o pé que reclama tratamento e sim o coração...

O espírito comunitário deve nascer e alimentar-se num clima comunitário. Pode isso ser entendido sob dois aspectos: o grupo, ao qual me dirijo com minha catequese, deve estar cercado de um clima comunitário, onde os valores ensinados sejam encarnados. Mas pode-

**Não tem o religioso
as mesmas necessidades?
E não deve
sua comunidade ser a resposta?**

se também entender: aquele que vai transmitir valores deve sair de uma situação, onde experimente os valores que vai transmitir em pleno acolhimento e respeito. Porque não somos enviados a semear idéias — por mais belas que sejam. Somos semeadores de vida. Além do mais não somos — como religiosos — meros instrumentos a serviço de uma mensagem que devemos passar adiante. Mas somos caminheiros com os demais e, portanto, homens que buscam, que precisam, pois, de um continuado renovar-se.

Por isso somos continuamente colocados frente ao desafio: crescemos em grupo; amadurecemos no relacionamento; realizamos nossa obra em equipe; integramo-nos pela experiência mútua; finalmente nos santificamos em comunidade. Porque, parece-me necessário voltar a acreditar que **nos santificamos**. Mas não deixamos a impressão que queremos impor aos outros uma santidade da qual não sentimos necessidade? Porque nossa comunidade não nasceu de um encontro ocasional de pessoas, mas é ela um mistério da graça e a manifestação da vontade do Pai que nos chamou a viver na sua família.

4. Momentos comunitários

Tentemos esmiuçar um pouco e aprofundar alguns aspectos comunitários, para que o acréscimo de

mais alguns detalhes nos ajude a pintar o quadro comunitário e desencadeie em nós reflexões que não apenas servem de clarão à inteligência, mas consigam derramar em nós a **alegria** de fazermos parte de uma comunidade, porque é esta alegria o testemunho mais eloqüente de nossa realização religiosa. Por isso, alguns momentos comunitários:

A

a. **A missão sustentada afetivamente pela comunidade.** O religioso apostólico precisa viver numa comunidade. Numa comunidade de verdade. Sem esquecer que a comunidade é um esforço pessoal. Nem sempre é a comunidade a culpada da não-existência de **ambiente** comunitário. Afinal, o ambiente comunitário é a soma da colaboração de todos os membros. Cada um deverá colaborar para que a comunidade não lhe seja apenas “dormitório”, onde descansa o fatigado corpo, naquelas algumas horas, durante a noite, que as reuniões e os encontros lhe deixam livres. Ao homem cansado das lutas diárias e dos encontros decepcionantes, esmagado pelas responsabilidades, é sempre grato voltar ao lar, onde a esperança de umas horas tranquilas o atrai, onde os seres, que durante o dia lhe foram a amizade, a colaboração fraterna

num mesmo apostolado, bem como o amparo mútuo proporcionado por uma vida de comunidade, escolhida para servir melhor a Cristo, são outros tantos coadjuvantes preciosos nesta caminhada quotidiana" (n.º 39).

Aqui uma série de reflexões apontadas por Paulo VI, que poderemos recolher e desenvolver. Para reforçar estes pensamentos, deixaríamos ainda uma palavra sobre a comunidade "aberta". Até que ponto podemos abrir a comunidade, isto é, torná-la pública, com livre trânsito para todos e sempre e em todo o lugar? Não seria necessário refletir um pouco sobre isso e perguntar-se: uma comunidade inteiramente aberta, sem o nosso "privado", conseguirá cumprir com sua missão para com os indivíduos? Até que ponto poderá ser ela um lar?

B

b. A missão sustentada espiritualmente pela comunidade. Só posso dar um passeio pela vinha do Senhor, se antes dei um passeio pelo paraíso do Senhor. É o que insinua o Pe. Haering, quando escreve:

"Há religiosos modernos, mas mundanos, que dizem: toda a nossa vida é oração; não precisamos de tanto tempo para ler a Bíblia, para ouvir conferências e para oração na capela... Nossa vida só é oração se tivermos tempo para dar um passeio ao paraíso... para estarmos diante do tabernáculo do Senhor, que é o grande sinal de seu amor eterno. Se não tivermos tem-

po para apreciar suas palavras e ações ponderando-as em nosso coração, então é um insulto a Deus dizer: toda nossa vida é oração"...(4).

O mesmo Autor escreveu, um pouco adiante:

— A oração deveria ser o maior trabalho missionário do religioso, fazendo que cada um sentisse: aqui está o Senhor.

Estamos considerando a missão no seu relacionamento radical à comunidade: uma comunidade que espalha a boa-nova. Por isso, o que o P. Haering diz da oração para o indivíduo, vale forçosamente para a comunidade. A comunidade é o grupo de fé que decidiu agrupar-se para colaborar, na soma das forças individuais, no estabelecimento do Reino. Do Reino do Pai, aquele Reino que Cristo revelou e cujo programa nos foi legado na vastidão do Evangelho, do qual nascemos todos como família religiosa e o qual devemos reler sempre de novo para transformá-lo, cada dia, no Verbo compreensível à época dentro da qual fomos chamados a viver. Cabe à comunidade reencarnar a mensagem. Por isso, a preocupação que deve espicaçar, sem parar, a comunidade é o perscrutar a vontade de Deus. Para tanto deve por-se à escuta.

O momento da **escuta** é a oração. Uma comunidade em oração é uma comunidade que busca ler em conjunto a vontade de Deus no mundo e interpretar os acontecimentos à luz desta vontade e entender os apelos que o mundo lhe grita. É o momento epifânico: Deus se revelando à comunidade. E esta

força de ser fiel e de suportar as imposições da vida, o aguardam e cuja convivência é como uma esponja a apagar as impressões da jornada e deixar a alma lavada para um amanhã que o aguarda com a mesma tirania. Não tem o religioso as mesmas necessidades? E não deve sua comunidade ser a resposta?

Não esquecer: a pacificação com minha comunidade se faz no meu interior. Não posso sobreviver psicologicamente se em perpétuo estado de "beligerância" com meu ambiente, em contínua atitude de autodefesa. Sem dúvida, cada um de nós terá suas restrições a fazer à própria comunidade. Mas a comunidade, por sua vez, terá outras tantas, senão mais, a fazer a nosso respeito. Por isso, o importante é que cada um analise profundamente o que a comunidade lhe pode dar, sem esquecer de analisar aquilo que ele mesmo pode dar à comunidade, lembrado de que o ambiente que proporciono ao outro é um desencadeador de energias para o trabalho que me é confiado no campo do Senhor.

Aqui, a importância da partilha da problemática comunitária e da problemática pastoral. A revisão do trabalho pastoral não é uma técnica apenas, mediante a qual meço os rendimentos, mas é também e, sobretudo, o encontro da comunidade interessada em meu trabalho. Não é um balancete de perdas e ganhos, e sim a forma concreta da comunidade mostrar seu interesse por meu trabalho. É a maneira de a comunidade assumir meus triunfos e meus fracassos.

É a hora em que a comunidade se associa a mim. Já não trabalho sozinho ou isolado e muito menos abandonado. Estes tempos fortes de interesse comunitário destilam a convicção de que sou aceito. E assim, nas longas horas de ausência, estes tempos fortes marcarão a presença da comunidade em minha vida. É a comunidade presente, ao meu lado.

Assim, a revisão foge da aridez de exposição, com um comentário de aprovação e desaprovação, para tornar-se a forma que me autoriza a dizer **nosso** trabalho. É o que Paulo VI fala na Exortação **Evangélica Testificatio**:

"Ainda que imperfeito, como todo o cristão, vós intentais, todavia, criar um ambiente apto para favorecer o progresso espiritual de cada um dos seus membros. Como se poderá alcançar este resultado, senão aprofundando no Senhor as vossas relações, mesmo as mais ordinárias, com os vossos irmãos? A caridade — não o esqueçamos nunca — deve ser uma esperança ativa daquilo que os outros podem vir a ser com a ajuda do nosso amparo fraterno. A marca da sua autenticidade encontra-se naquela simplicidade gaudiosa, com que todos se esforçam por compreender aquilo porque cada um anseia. Se alguns religiosos dão a impressão de ter-se deixado apagar pela sua vida de comunidade, a qual deveria pelo contrário ter contribuído para os fazer desabrochar, não será, talvez, falta de aí encontrar aquela simpatia compreensiva que alimenta a esperança? É indubitável que o espírito de grupo, as relações de

revelação é a preparação para o momento profético. "A oração comunitária supõe, como sujeito, uma comunidade de fé, de esperança e de amor em Cristo. Essa comunidade se faz orante ao se colocar em atitude de escuta de Deus. Deus toma a iniciativa de se manifestar: **momento epifânico**; e convida a comunidade a receber sua ação salvífica e libertadora. A comunidade se compromete com essa ação libertadora, pelo bem dos que o pecado oprime: **momento existencial e momento apostólico**"(5).

O relatório de uma comunidade de estudantes de Paris, com o título **Nascimento de uma fraternidade de oração**, terminava nesta forma eloqüente e reveladora: "Comunidade de oração e reflexão, comunidade de amizade, onde restauramos nossas forças antes de retomar nosso trabalho de cada dia, nossa fraternidade é o lugar privilegiado que nos permite pôr em prática esta palavra dos místicos que afirmam: a ação é como o transbordamento da contemplação"(6). Esses jovens nos sintetizaram, aqui, uma mensagem que convida a refletir. São palavras que servem como de texto-teste: se nelas acreditamos profundamente, podemos continuar a ler estas pobres páginas e valeu a pena ler as anteriores.

Caso contrário, nem elas nem outras mais brilhantes e profundas nos revelarão o mistério de nossa missão. E assim, jamais nossa missão terá para nós um sentido vital. Jamais seremos tomados pelo empolgamento de trabalhar com homens e con-viver com eles. Jamais compreenderemos nossos fracassos,

nem tão pouco integraremos os nossos triunfos. Nem sequer saberemos a razão de sermos religiosos no reino de Deus. Nem ainda conseguiremos degustar uma Eucaristia comunitária, onde "a comunidade conhece seu nome e onde o olhar de cada um é um olhar familiar para os outros". Numa palavra: jamais estaríamos afinados para o amoroso chamado do Pai dirigido a cada um de nós, pelo qual nos agregou, de modo total, no seu plano salvífico.

C

c. **Missão sustentada materialmente pela comunidade.** Embora de menor importância não é desprezível este aspecto, pois se nos reunimos em grupo, se fundimos nossas forças numa força mais poderosa, se lançamos nossas limitações no sem-limites de uma comunidade, então, na linguagem do Concílio, "estes grupos constituídos para a ação apostólica comunitária sustentam seus membros e os formam para o apostolado" (**Apostolicam Actuositatem, n.º 18**).

Realmente, a parte material — numa época como a nossa — conta muito na realização, planejamento e execução de nossos programas. O por-em-comum material colabora com sua parte na execução dos planos apostólicos, fornecendo os meios da moderna técnica, que segundo o Concílio, devem ser postos ao serviço da evangelização (**Inter Mirifica, ns. 3 e 13**).

Num recente documento sobre a vida religiosa, Paulo VI, ao falar da pobreza como participação fra-

terna, lembra isso: "a necessidade, hoje em dia tão categórica, da participação fraterna, deve conservar o seu valor evangélico. Segundo a expressão da **Didaqué** "se partilhais uns com os outros os bens eternos, com muito mais razão deveis compartilhar os bens que perecem". A pobreza vivida efetivamente, pondo em comum os bens, incluído o salário, testemunhará a comunhão espiritual que vos une; será um apelo vivo para todos os ricos e levará também um alívio aos vossos irmãos e irmãs, que se acham em necessidade. O desejo legítimo de exercitar uma responsabilidade pessoal não se exprimirá no gozo dos próprios rendimentos, mas sim na comparticipação fraterna no bem comum..."(7).

Uma comunidade organizada deita ordem em indivíduos deslumbra-dos e fisgados pela agitação de um mundo em ritmo acelerado. A "certa" ordem que reina na comunidade, se sou sensível, é um constante convite a me pôr-em-ordem. E esse me pôr-em-ordem beneficia todo meu esforço de pôr ordem no mundo e nos outros. Na trepidação em que nos deixamos penetrar, o tempo se nos escapa por entre os dedos. Mas necessitamos de uma estrutura que nos faça sentir o tempo, para permanecermos, quanto possível, senhores do tempo. Preciso de uma pausa para me poder apoderar do tempo, sobretudo para acolhê-lo. Não nos mostra este particular o valor do silêncio? O significado de minha cela solitária? Que darei aos homens de trepidação, se apenas conheço esta trepidação?

P a r a
descobrir Deus
é preciso saber
que ele
não está sozinho

A comunidade coloca os irmãos à minha disposição. E ter irmãos para consultar é ter o Espírito Santo "à minha disposição", pois através deles me traz Deus os esclarecimentos e as iluminações que não encontro em mim, nem na minha biblioteca.

"O que fizerdes ao menor dos meus irmãos..." deve ser experimentado primeiro na minha comunidade, para poder, depois, vivê-lo na grande comunidade dos homens. Por isso, a comunidade se torna a grande escola onde se aprende a amar a verdade e de verdade. Comunidade torna-se assim a condição material para o meu apostolado ou missão.

5. Conclusão

Comunidade é fonte. Mas não automática. Fica à disposição. Precisamos de um ouvido muito atento para captar-lhe os murmúrios entre os estrondosos vagalhões do que chamamos "nossas ocupações". Comunidade é fonte, mas precisamos parar um pouco para perceber se andamos sedentos, ou se estamos contentes com "as "cisternas vazias" que andamos cavando, perdendo lentamente o gosto pelas fontes de águas puras e vivas. Comu-

nidade é fonte, mas precisamos amá-la para que a necessidade nos atire sempre de novo ao seu seio e não encontramos descanso senão junto dela. Comunidade é fonte, mas não pode apenas dar; a riqueza de suas águas é a colaboração pequena de cada um. Comunidade é fonte que jorra para a vida eterna. Vida eterna que deve estar presente nas minhas sedes. Que deve ser a minha sede...

“Será necessário declarar que a ação verdadeiramente apostólica é santificante? Mas só pode fazê-lo, como Epifania do Reino. Supõe que os religiosos tendam, com todo seu ser, para esse Reino, a ele se assemilem, dando primazia às exigências maiores. O espírito comunitário e a intenção apostólica são, hoje, exigências muito fortes em **estado bruto**. Há muito que fazer para se tornarem **espirituais** e dignos dos carismas” (8). A nós, os lapidadores de Deus, estas exigências em **estado bruto** constituem um constante desafio. Devemos descascá-las, fazê-las aparecer à luz, para que todos acreditem que elas existem e não são utopias ou pios desejos. Mas como dizia Bernanos a respeito do Evangelho: devemos pegá-las sem luvas nem pinças, ainda que queimem. Se não nos empenharmos em ser lapidadores, tornamo-nos dilapidadores, pois a nós foi dado descobrir e anunciar. Mas lembremos, como fecho, estas palavras de Medeleine Delbrêl: “Para descobrir Deus, é preciso saber que ele está em toda a parte. Mas, saber que não está sozinho”. Sozinho eu não o encontro. Sozinho não o revelo.

Notas

1. Editora Vozes, Petrópolis 1969. pág. 37 ss.
2. **Lumen Gentium**, n.º 39.
3. **A Exigência de Deus**, P.R. REGAMEY. Edições Paulinas, S. Paulo 1972. pág. 203.
4. **Dinâmica da Renovação**, Edições Paulinas. pág. 126.
5. CLAR: **A vida em e segundo o espírito nas comunidades religiosas da América Latina**, n.º 130 e ss.
6. **Evangile Aujourd'hui**, 2.º trimestre de 1972, n.º 74, pág. 24.
7. **Evangelica Testificatio**, n.º 21.
8. P. R. REGAMEY, op. cit. p. 205 s.

Vida Religiosa Unidade de Vida Pluriformidade de Diaconias

1. Introdução

Atualmente, para muitos religiosos, não parece fácil encontrar os valores essenciais da Vida Religiosa. De um lado, há um tremendo esvaziamento, no muito fazer; de outro lado, um freqüente desânimo, porque a Vida Religiosa estaria "acabando"!

Por isso, é urgente encontrar um caminho válido para SER religioso sem deixar de SERVIR à Igreja. Cremos que aqui estão as duas linhas de uma bi-polaridade essencial: SER e SERVIR.

Mas é preciso lembrar sempre de novo que o essencial está no SER. O próprio nome o diz: **VIDA** Religiosa. Não é no FAZER que alguém irá encontrar a sua identidade religiosa.

E também é preciso lembrar que ninguém é religioso para si mesmo. Cremos que a idéia de uma "vida de perfeição", meio egoísta, "já era"! A Igreja do Vaticano II se conscientizou, essencialmente como a "Igreja-serva".

Se os slogans não fossem tão perigosamente falsos, poderíamos dizer: "quem não vive para servir, não serve para viver".

É preciso ainda lembrar que uma grande parte da atual **angústia negativa**, é uma angústia gerada pelo vazio. E este vazio é resultado desastroso do trabalho demasiado. O "ser religioso" não se descobre e nem se constrói no "muito fazer". O SER é uma dinâmica vivenciada no "vigor do pouco". O Evangelho chega a dizer que "uma só coisa é necessária", que esta "é a melhor parte, que não será tirada" (Lc 10, 42).

Nossa primeira tarefa é, pois, viver essa **uma só coisa**. Só assim existirá em nós vigor pastoral. E descobriremos que esse vigor está no segredo de sermos **bons pastores do Mistério** presente em nós. Devemos cuidar para não perdermos a força que vem desse Mistério. Caso contrário, não sere-mos mais nem sal, nem luz (cfr Mt 5, 13-16) e nem fermento (cfr Mt 13,33).

2. Unidade de Vida

Olhando a **variedade** de Ordens e Congregações existentes, como também a **variedade** muito grande de serviços que prestam à Igreja, tem-se uma primeira impressão de apenas pluriformidade. Mas nos perguntamos: será que existe algo, ou algum princípio, que una toda essa variedade pluriforme?

Uma primeira pista, para encontrar o princípio básico de unidade, ou origem comum, é o próprio nome **VIDA RELIGIOSA**. Os membros de todas as ordens, congregações e institutos chamam-se **RELIGIOSOS**. Vivem **VIDA RELIGIOSA**.

Por isso precisamos tentar responder uma primeira pergunta:

2.1 — O que é Vida Religiosa?

A nossa resposta só poderia vir da própria Igreja. Ela, nossa "Mãe e Mestra", nos orientou para os tempos de hoje por meio do Concílio Vaticano II. E, no documento "Lumen Gentium", quando fala sobre Vida Religiosa, diz assim: "É um **dom divino**, que a Igreja recebeu de seu Senhor e, por graça dele sempre conserva" (L G 43).

2.2 — O que é Carisma?

No Dicionário Teológico, de K. Rahner e H. Vergrimler, o verbete "carisma" traz a seguinte explicação: "Carisma são efeitos produzidos pelo Espírito Santo no fiel individual, que não podem ser exigidos pelo homem, nem podem ser previstos pelos órgãos oficiais da

Igreja, nem podem ser alcançados pela recepção dos sacramentos".

A Vida Religiosa pertence a essa área carismática da Igreja. É por isso que exige uma vocação especial, de que cuida o Espírito Santo. A hierarquia não sabe quantos religiosos a Igreja precisa em cada época da história. E ela também não sabe quais formas concretas a Vida Religiosa precisa assumir. Por ser um carisma é dom gratuito do Espírito Santo, "que a Igreja recebeu e, por graça dele, sempre conserva" (LG, 43.)

Portanto, se qualquer forma da Vida Religiosa é "dom do Espírito Santo", é **CARISMA**. Em outras palavras, é o carisma que unifica todas as **expressões de vida** dos religiosos, de tal maneira que podemos falar de uma realidade só: **VIDA RELIGIOSA**.

2.3 — Volta às Fontes. O Documento especial, em que o Concílio trata da Vida Religiosa, é "Perfectae Caritatis". No parágrafo segundo, este documento nos ensina como encontrar um meio de refontização constante, para não cairmos no legalismo e nem nos esvaziemos no exagerado ativismo. Para isso diz que devemos "fazer um **constante retorno** às fontes de toda vida cristã e à inspiração primigênia do instituto" (2).

Podíamos então perguntar como deve ser esse "retorno constante" ao carisma original, se se fala de "inspiração primigênia **do instituto**"? Será então que cada instituto tem um carisma próprio?

Aqui já chegamos a um segundo sentido de carisma da Vida Religiosa. É "maneira específica" dos vários fundadores concretizarem o SER da Vida Religiosa. Essa maneira específica é geralmente chamada de **ESPIRITUALIDADE**.

2.4 — O que é Espiritualidade? Espiritualidade é a especificidade de cada "concreção" da vocação religiosa. Assim, uns são chamados à vida religiosa jesuítica ou franciscana.

É a maneira pessoal específica, como o Espírito Santo quer cada religioso na Igreja. É a graça do Espírito, que se revela de muitas maneiras, conforme as necessidades da Igreja e da época. E essa maneira específica de ser não tem outra explicação a não ser o Mistério da gratuidade da liberdade de Deus. Se ele me "provocou" a ser franciscano, talvez por um motivo insignificante inicial, então minha maneira de viver sua vontade está no **SER FRANCISCANO**.

Por isso, para mim, é algo muito sério o "ser franciscano". Sendo bom franciscano, vivo o desígnio de Deus sobre mim. Quer dizer: respondo adequadamente ("fielmente") ao chamado (=vocação). Por "volta às fontes" entende-se, portanto, a **constante refontização** do carisma da própria espiritualidade, que vem da "inspiração original" (da origem).

Mas o conjunto das várias "espiritualidades" são a mesma **VIDA RELIGIOSA**. Assim podemos, então, concluir que é o **CARISMA** da Vida Religiosa que gera a uni-

dade. Apesar da diferença de Ordens, Congregações e Institutos variados, todos os seus membros vivem **VIDA RELIGIOSA**.

3. **Pluriformidade de Diaconias**

Esta unidade de todos os religiosos no mesmo "dom divino" (=carisma) ao qual são chamados pelo Espírito Santo (vocação), é o que justifica aplicar a mesma denominação a todos. Todos são **RELIGIOSOS**.

Mas essa eleição tem como fim uma **MISSÃO**. Deus chama para **ENVIAR**. É o **VAI**, tão freqüente na Bíblia: Gên 12, 1; Êx 3, 10 e 16; Amós 7,15; Is 6,9; Jer 1,7.

A conclusão que aqui já podemos fazer é essa vocação é um chamado que Deus dirige a uma pessoa, que ele escolheu (eleição), e que destina a uma tarefa particular na obra da salvação, na sorte de seu povo (Plano). É, pois, particular no **desígnio da salvação**.

Na raiz da vocação está uma "eleição divina" (=escolha) e no seu termo está uma vontade divina a cumprir (=missão). Há pois, para nós religiosos, uma **MISSÃO**.

3.1 — Qual é nossa Missão? Nossa vida deve ser uma ausculta constante, até a plenitude final. Ausculta do contínuo "advento de Deus" nos acontecimentos e nas pessoas. Em cada dia há um "Kairós", um momento oportuno, um sinal dos tempos, por meio do qual Deus se revela. A verdadeira sabedoria está na **OBEDIÊNCIA** a esta **voz do envio** (=missão).

O Mistério de Deus, sua vocação, somente podem ser descobertos nesta ausculta. E só na obediência há um "advento de Deus" ou construção do seu Reino. Assim, a nossa missão está na OBEEDIÊNCIA e não no cumprimento da LEI. Para saber **como** vamos SERVIR não se recorre à lei, mas à obediência na FÉ. O nosso serviço não está marcado na Regra e nas Constituições. A LEI não pode prever onde amanhã irá surgir uma necessidade de serviço na Igreja. A Lei deve apenas lembrar a **importância do serviço e a atitude do religioso no serviço.**

3.2 — Importância do Serviço

A "Perfectae Caritatis" é muito explícita quando fala da importância do serviço dos religiosos. Diz ela: "nos institutos religiosos a ação apostólica e beneficente pertence à própria natureza da Vida Religiosa, pois trata-se de um ministério santo e de uma obra própria da caridade que lhes foi confiada pela Igreja, para ser executada em nome dela" (n.º 8).

Portanto, o serviço ou "ação apostólica" é tão importante, que "pertence à própria natureza da Vida Religiosa". Ou, como já dissemos acima, a eleição implica numa missão.

Se fôssemos analisar as Regras, escritas pelos grandes fundadores, veríamos que todas elas ocupam-se dos "apelos missionários". Exemplifiquemos apenas com um deles, São Francisco. No capítulo 5 de sua Regra diz ele: "Os irmãos, aos quais o Senhor deu a graça de trabalhar, trabalhem com

fidelidade e devoção "... E ainda, no capítulo 12, lemos: "Se, por inspiração divina, alguns dos irmãos quiserem ir para entre os sarracenos e outros infiéis, peçam para isso licença a seus ministros provinciais".

Poderíamos assim ver na Regra de todos os grandes fundadores essa importância do atendimento aos apelos missionários. E é evidente que, conforme as épocas da história, surgem apelos diferentes nos vários setores da Igreja. Então os religiosos respondem, prontamente, com sua resposta, pois a dimensão missionária "pertence à própria natureza da Vida Religiosa" (PC, n.º 8).

3.3 — Atitude do religioso no serviço.

"Perfectae Caritatis" diz que o "seguimento de Cristo é a norma suprema da V.R." (n.º 7). E pede aos religiosos uma atitude muito sábia de **síntese vital** de contemplação e ação". Os membros de qualquer Instituto buscando antes de tudo e unicamente a Deus, devem conciliar a contemplação para se unirem a ele de alma e coração, com a caridade apostólica" (n.º 5).

São Francisco, vendo o perigo de um excesso no trabalho, diz no capítulo 5: "mas não extingam o espírito da santa oração e devoção ao qual devem servir todas as demais coisas temporais".

Este perigo, de esvaziar-se no "muito fazer", é bem real em nossos dias. E quem se deixar solicitar demais, acabará perdendo o seu vigor de interioridade. Por

isso é preciso saber alternar em cada dia da vida, os **encontros e retiros**. Sem os momentos de um encontro diário na oração, ninguém se conservará no segredo do vigor da fecundidade apostólica.

4. Conclusão

Como conclusão poderíamos lembrar os seguintes princípios gerais:

— Vida Religiosa é carisma.

— Todos os religiosos devem viver um retorno constante ao carisma original.

— Todos os religiosos devem atender aos apelos missionários atuais da Igreja.

E a pergunta vital a fazer é essa: a “adequada renovação da Vida Religiosa”, no constante retorno às fontes da inspiração primigênia”, significa o quê?

Significa a obrigação de viver o mergulho diário e profundo na **torrente** viva da “tradição”. Não tradições! Nesse rio correm as riquezas do carisma original e todas as conquistas válidas da história. Tudo isso a história nos “entrega” (do latim “tradere” =tradição).

Portanto, “volta às fontes” não significa “volta ao passado”! Mas o mergulho profundo no momento presente da tradição.

E então estamos em condições de compreender que os **serviços** ou **diaconias NÃO TÊM VOLTA ÀS FONTES!** No serviço há uma urgente e constante necessidade de **OBEDIÊNCIA** ao Espírito Santo.

E esta obediência é vivida na Igreja. É ela que nos indica quais necessidades há e que respostas ela precisa de seus religiosos. Aí descobriremos que a Igreja **não chama** pessoas para a vida religiosa. Disto cuida o Espírito Santo, pois Vida Religiosa é carisma. A Igreja também não sabe como deve ser, concretamente, a forma de Vida Religiosa para hoje. Disto também cuida o Espírito Santo.

Mas, a Igreja sabe, quais necessidades e urgências missionárias ela tem. E sabe que os religiosos estão “a serviço”, **COMO RELIGIOSOS**. Nunca devem aceitar tantas tarefas que não possam mais satisfazer os momentos de silêncio e oração. Caso contrário, perderão o seu vigor e não serão mais **SINAL** evangélico. Terão perdido a sua eficácia e vigor apostólico.

Portanto, as Ordens, Congregações e Institutos precisam rever sua legislação, para ver se não há confusão entre **CARISMA E DIACONIAS**. Precisam perguntar-se sobre o como irão **servir** à Igreja de hoje em suas necessidades atuais, as mais variadas. E não negar o serviço em nome da legislação da Ordem ou Congregação ou Instituto.

O que devemos negar sempre é o **ATIVISMO**. Não se é religioso pelo muito fazer! O vigor de nosso serviço estará sempre no nosso **SER**. É **SER** religioso para **SERVIR** à Igreja. Assim chegamos a síntese certa: **UNIDADE DE VIDA NA PLURIFORMIDADE DE DIACONIAS**.

Os Superiores Gerais se reúnem periodicamente em Villa Cavalletti, Roma, para encontros informais, não oficiais. Refletem sobre seus problemas, trocam experiências para, ajudados mutuamente, imprimirem aos seus Institutos uma atitude evangélica adaptada aos sinais dos tempos. O encontro de 4 a 7 de dezembro de 1972 foi todo dedicado ao tema ORAÇÃO, dividido em três partes, a saber: 1.^a) Diagnose da situação atual. 2.^a) Como rezar melhor. 3.^a) Experiências de oração. **CONVERGÊNCIA** publica a conferência do Pe. Bernard Haering, CSSR, sobre o movimento Casa de Oração, um item da terceira parte.

CASA DE ORAÇÃO

— Pe. Bernardo Haering, CSSR

O movimento CASA DE ORAÇÃO é um fruto do Concílio, como também a RENOVACÃO CARISMÁTICA (Pentecostais-católicos). O Concílio permite e promove a criatividade, procura superar o distanciamento e a ruptura entre a religião e a vida. É expressão viva da fé no Espírito Santo que renova a face da terra. Espero poder transmitir as experiências tidas no contato com várias destas Casas. Trata-se, portanto, não de um relatório de estudos publicados, mas de uma visão pessoal, limitada é verdade, porém, direta.

Em 1964, depois de uma audiência com Paulo VI, o Cardeal Sue-

nens me chamou e me propôs estudar atentamente a situação das ordens contemplativas, sobretudo das monjas. Prometi-lhe que o faria de boa vontade. Já anteriormente mantinha contatos com diversos mosteiros de religiosos e de religiosas contemplativas. O problema mais impressionante pareceu-me ser a polarização dos institutos de vida ativa e os de vida exclusivamente contemplativa. Perguntei-me com lealdade:

— Como os mosteiros contemplativos ajudam, além de suas orações e sacrifícios, como ajudam a Igreja inteira e, especialmente, os institutos de vida religio-

sa ativa e os sacerdotes seculares a desenvolver uma vida de oração que seja uma síntese vital de toda a existência?

— E os sacerdotes seculares e os religiosos de vida ativa desenvolveram um estilo de oração apto a servir de modelo e testemunho de oração para o homem de hoje?

Simultaneamente à preocupação desta problemática comecei a receber muitas cartas de religiosos de congregações de vida ativa revelando a frustração pessoal na esperança que tinham na vida religiosa como subsídio efetivo para viver uma plena e íntima união com Deus. Muitos dos religiosos e das religiosas duvidavam que um mosteiro de clausura total, com suas velhas formas de oração, pudesse satisfazer às suas aspirações de oração.

Minha primeira iniciativa foi escrever uma série de cartas a numerosos mosteiros de vida contemplativa (de clausura papal) formulando duas perguntas.

1.^a) Vocês pensam que sua comunidade pode receber religiosos de vida ativa e ser para eles uma escola de oração? Esta acolhida seria uma oportunidade e um enriquecimento para a vida de contemplação e de oração de vocês?

2.^a) O que pensam da idéia de uma casa de vida contemplativa para congregações de vida ativa como uma escola apta para esta forma de vocação particular?

Muitos mosteiros fizeram destas perguntas objeto de oração e de

reflexão. A maior parte das irmãs contemplativas responderam negativamente à primeira pergunta. Pensavam que era uma bela coisa mas não tinham nenhuma confiança num caminhar nesta direção. Não se sentiam preparadas. Para a segunda pergunta, as respostas foram encorajadoras.

Um pouco de história

Em 1965, pela primeira vez, falei do projeto a 1.500 Superiores Locais norte-americanos e, em seguida, na Assembléia dos Superiores Maiores da Conferência dos Religiosos dos Estados Unidos, como ainda aos Superiores e Superiores Maiores do Brasil. O interesse foi imediato e grande. A Congregação do Imaculado Coração de Maria, de Monroe, decidiu unanimemente, em seu Capítulo Geral de junho de 1966, concentrar todas as energias de renovação na oração, buscando novas formas e novos caminhos. Uma casa perene de oração deveria tornar-se o símbolo concreto desta nova perspectiva. Uma comissão estudou e preparou esta realização. Em Monroe, houve muitas reuniões de estudos com a participação de religiosos e religiosas anglicanos.

Para diminuir a correspondência que chegava diariamente em quantidade, publiquei em **Review for Religious**, setembro 1967, páginas 771-778, a proposta de um grupo de irmãs e de sacerdotes que nos havíamos reunido em Notre Dame University, juntamente com algumas reflexões minhas. A proposta era para que a correspondência fosse

dirigida à Irmã Ruth Capsar, OP. Em poucas semanas recebemos centenas de cartas de todo o continente. Quantas pessoas, de idade e atividade diferentes, revelavam que esta era uma idéia e um desejo que acariciavam a muitos anos.

Logo após o Concílio, muitas congregações decidiram realmente preparar imediatamente uma Casa-Escola de Oração. Alguns Institutos atuaram de imediato, com certa dificuldade, fruto da pressa. As Irmãs de Monroe procederam mais lentamente, com firmeza e dedicação. No verão de 1969, houve uma prova geral: A **Temporary House Of Prayer**, das Irmãs do Imaculado Coração acolhia 140 religiosos das mais variadas congregações e que já tinham estabelecido casas de oração permanentes. As Irmãs do Imaculado Coração prepararam-se espiritualmente meses antes. Reuniram-se em Monroe para refletir e para rezar. A pergunta era:

— **O que queremos? Quais são as possibilidades?**

Era um encontro muito útil, com entusiasmo e senso prático. Algumas coisas apresentavam-se claras para todas. Não se podia e não se devia propor um regulamento rígido, porque a experiência exige flexibilidade, criatividade, espontaneidade. Mas deve-se saber o que se quer, o que se procura.

1. Renovação de toda a vida por meio da oração que se situa na tradição profética: síntese entre o sentir de Deus e o sentir do homem, conhecer a Deus e conhecer

o homem. A verdadeira dimensão do conhecimento de Deus e do homem se adquire no espírito de oração e de adoração.

2. Cada grupo — de cinco a 13 membros em cada casa — pensará na sua forma de vida, no horário, no tipo de oração, mas sempre com pleno conhecimento do escopo: prioridade à oração, síntese na oração e na adoração. Os grupos eram compostos segundo os desejos dos membros: quem deseja formas de oração mais ou menos tradicionais, quem prevalentemente acentua a criatividade, quem procura um equilíbrio entre as duas tendências. Quase todas as irmãs optaram pelo **equilíbrio**. Quase sempre se buscava formar grupos incluindo pessoas de idades variadas.

Os grupos, nas várias casas de oração, se reuniram por sete semanas. No fim, todas em Monroe, para exercícios espirituais em comum e avaliação da experiência. Todas as casas — durante o ano normalmente casas para professoras, nas férias foram reservadas exclusivamente para esta finalidade, — se reuniram em Michigan, próximo a Monroe. À disposição dos vários grupos, havia diversos **consultores**, que participaram plenamente da vida de oração, deslocando-se, porém, de uma casa para outra conforme eram solicitados. Entre estes consultores havia: rabinos, um swami, monjas contemplativas, monges contemplativos e um mestre zen. Tive a sorte de poder pregar o retiro final de oito dias. Foi realmente um momento de graça.

Agora vou sintetizar algumas experiências tidas e repetidas em encontros com várias congregações, especialmente com 70 dominicanas de Columbus Ohio, em 1970.

Síntese de experiências

1.^a) A experiência do **milieu divin** de um ambiente que exerce uma influência extraordinária. O fato de todas estas pessoas não terem em mente nada exceto conhecer a Deus e a seu Cristo para melhor amar a seu próximo e para poder transformar a vida em adoração em espírito e verdade, cura e transforma.

2.^a) Depois de uma semana quase todas as religiosas experimentam uma mudança de natureza psicológica. Bastou uma semana para nos libertar. Libertar das inquietações, das distrações. Pode-se apreciar o silêncio e gozá-lo.

3.^a) A criatividade na meditação comunitária, no canto espontâneo é também uma experiência de libertação e um apelo à fidelidade, fidelidade criativa. A experimentação e a espontaneidade são bastante diferentes da experimentação e da espontaneidade de outras ocasiões, porque se estabelece uma confiança recíproca, expressão da confiança em Deus, quase o sacramento desta mesma confiança. A oração espontânea, nas suas várias formas, vem do recolhimento e leva a ele. Ouvei muitas dizer: "Agora entendo o que afirma São Paulo: O Espírito Santo reza em nós e nos atesta que somos filhos de Deus."

4.^a) O sentir da comunidade de fé. Certa vez perguntei a uma universitária judia convertida:

— O que você aprendeu destas sete semanas vividas na casa de oração?

— Aprendi o que é uma comunidade de fé.

O crescimento da vida de oração caminha, **pari passo**, com o crescimento da caridade e da confiança recíproca.

5.^a) O gosto pela palavra de Deus aprofundada. Durante a missa, quase diariamente, mantivemos uma homilia dialogada com as 70 religiosas. Nada de debates nem discussões. Muitas religiosas diziam: "Nenhum pregador ter-nos-ia dado uma tal visão de fé, de alegria e de encorajamento com as expressões de fé e as intuições de todas aquelas que participaram ativamente e com o silêncio-abertura de todas. "Somente numa comunidade assim, onde se medita diariamente em comum a Palavra de Deus se pode experimentar o que seja uma homilia dialogada. Com rapidez, a reflexão torna-se louvor, ação de graças, súplica. Não há preocupação pela formulação. A impressão que fica é que as pessoas dão ao Espírito Santo a liberdade de rezar nelas.

6.^a) A revisão de vida assume novas formas e novas dimensões. Nas casas de oração, antes da missa, fazíamos um exame de consciência e orações espontâneas pedindo perdão e, no fim da missa, preces espontâneas de agradecimento. A humildade e a confiança recíprocas são comoventes.

7.^a) Em quase todos os lugares constatei um caminhar espontâneo de quase toda a vida de oração, de meditação comunitária, em direção do louvor a Deus. Parece desaparecerem o pessimismo, a angústia, o medo. Pode-se quase tocar o "fruto do Espírito": a paz, a alegria, a delicadeza (Gál 5).

8.^a) Um novo campo para a teologia. Nas casas de oração **ad tempus** e mais ainda nas permanentes, boa parte do tempo é dedicado ao estudo da teologia, sempre voltada para a prioridade, a oração, o conhecimento de Deus que se transforma em vida etc. Os participantes, não raro, por si mesmos, encontram os critérios para a escolha dos livros. A leitura torna-se quase espontaneamente uma **doxologia**, um louvor a Deus, uma alegria. E dá luz e motivo para a caridade fraterna. Esta é uma dimensão nova da abertura ao mundo. Podemos esperar das casas de oração uma nova primavera da teologia espiritual. Uma teologia espiritual que não seja, de modo algum, contaminada por um espiritualismo desencarnado.

9.^a) O apostolado das casas de oração. A finalidade das casas de oração é ajudar o próprio Instituto e toda a Igreja a renovar-se na oração, para que a Igreja se torne realmente, como está escrito, uma casa de oração (Lc 19, 46). Para esta finalidade servem também as casas de retiro, porém, o método é diverso. A casa de oração é escola de oração, em primeiro lugar, para aqueles que constituem o núcleo da comuni-

dade. Para a casa de oração **perene** ou **estável**, o núcleo é escolhido em vista do carisma das pessoas que buscam construir uma comunidade de fé, síntese entre oração-adoração e vida. Em si já é uma grande bênção encontrar pessoas que se interessam em se oferecer para uma tal vocação dentro do Instituto. Na congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria, mais de 100 religiosas se ofereceram. Somente oito foram escolhidas. Depois de dois anos, quatro foram substituídas e quatro permaneceram para darem certa continuidade. Novos membros trazem novas intuições. Considero típico das casas de oração que as religiosas, depois de algum tempo, ocupem outras responsabilidades no Instituto.

Influência variada

Além do núcleo estável, relativamente pequeno, nas casas de oração vivem outras irmãs ou leigas para períodos, mais ou menos, longos, de até seis meses. Uma grande atração exercem os exercícios espirituais de oito a trinta dias que se fazem nas casas de oração sob a direção de uma irmã. Trata-se de direção espiritual individual, não de exercícios de massa. Nestes exercícios espirituais põe-se todo acento na síntese da vida de oração.

Parece-me também fecundo o intercâmbio de idéias e de experiências entre as irmãs das casas de oração do novo estilo e as comunidades contemplativas do estilo

antigo. Este fenômeno é muito marcante nos Estados Unidos.

Nos encontros com muito, grupos de casas de oração **ad tempus**, sempre me fazem esta pergunta: Como podemos comunicar esta nossa graça e esta nossa experiência à nossa comunidade local? A influência é, muitas vezes, palpável. Entre as muitas experiências, uma típica. Dois anos atrás, no Instituto Internacional de Catequese de London, Ontário, Canadá, duas irmãs frequentavam o curso depois de participar por seis ou sete semanas das atividades da casa de oração. Fui também docente na terceira semana do ano acadêmico. Já o grupo (45 entre sacerdotes, religiosos leigos e religiosas) estava bem identificado com o movimento da casa de oração. Reuniam-se em grupo para a meditação comunitária. Dr. Orris, diretor do Instituto, dizia-me que o ano inteiro havia uma graça extraordinária. Era algo diferente e desconhecido em todos os anos precedentes na pesquisa catequética e espiritual.

As casas de oração já exerceram, em graus diversos, uma notável influência nos sacerdotes diocesanos que celebram a missa ou fazem conferências para as religiosas destas casas. Eles, de boa mente, se associam às meditações comunitárias e depois, com frequência, tentam formar grupos de oração entre o clero.

Os jovens, moças e moços, avaliam positivamente a influência que exercem irmãs, irmãos e sacerdotes provenientes das casas de

oração. A nova geração busca uma experiência religiosa e aceita o testemunho de quem fala da oração quando esta é parte essencial da própria vida.

Na época da restauração e do antimodernismo reinava em muitas partes da Igreja tal medo do subjetivismo — e realmente o subjetivismo é um perigo — que não se queria nem ouvir pronunciar a expressão **experiência religiosa**. A fé parecia ser apenas a aceitação da doutrina uniformemente formulada e a oração devia limitar-se ao uso de fórmulas devidamente aprovadas. A **fides quae** era frequentemente exaltada com dano da **fides qua**. Parece-me que as casas de oração são capazes de contribuir para um sã equilíbrio. Nelas florescem a maior lealdade e fidelidade seja para com a Igreja, seja para com o seu magistério, simultaneamente a uma não menor abertura aos sinais dos tempos. A experiência religiosa, o testemunho espontâneo e humilde da fé se convertem num acontecimento da comunidade e é por este meio que se supera todo individualismo que, de maneira diferente conduziria a um subjetivismo perigoso. A comunidade e a participação aprofundam a experiência de fé, de esperança e de caridade nas comunidades. É assim que permanece o elemento personalizante evitando-se os riscos do subjetivismo ligado ao individualismo.

Uma esperança audaz

A casa de oração tem grandíssimo interesse no Extremo

Oriente. O budismo tem uma longa tradição de casa-escola de oração. Certamente o seu conceito de oração e de meditação é bastante diferente do nosso. Mas há sempre algo a aprender. E temos de aprender se pretendemos que nosso testemunho seja também acatado. A Tailândia com 35 milhões de habitantes tem 350 mil monges. A maioria, jovens que convivem dois ou três meses por anos sucessivos com os monges *ad vitam* para serem introduzidos na meditação e no conhecimento do desprendimento e da misericórdia. É uma preparação para a própria vida no mundo. Alguns mosteiros católicos de vida contemplativa já abriram as suas portas para os jovens que querem aprender a rezar através de uma comunidade que se dedica prioritariamente à oração.

Vi um exemplo disto nos mosteiros dos trapistas em Osaca. Especialmente as irmãs estão descobrindo claramente o desafio que lhes é proposto pela melhor tradição budista. É meu sonho audaz que também os religiosos do Ocidente, e é uma necessidade pre-

mente, irmãos e sacerdotes, possam iniciar tais escolas de oração que preparem uma nova geração de homens e de mulheres para uma vida de fé profunda, para a arte de viver na presença de Deus no meio do mundo. Esta esperança é o testemunho de nosso amigo o Padre Thomas Merton. Antes de partir para Bancoc, num longo encontro, ele me falou das casas de oração, como a grande esperança para o futuro, não só para os religiosos em si mesmos, mas para seu ministério, o mais urgente na Igreja. Em Bancoc, Padre Merton, antes de morrer, constatou o desafio que nos é apresentado pelo primado da contemplação afirmada pela melhor e mais antiga tradição budista. Certamente teremos de encontrar novas formas adaptadas ao caráter específico de nossa fé e das diversas culturas.

O MOVIMENTO CASA DE ORAÇÃO mostrou-se, até agora, flexível na busca de caminhos na grande diversidade, mas ao mesmo tempo afirma o primado da graça e da adoração em espírito e verdade.

A XIII Assembléia Geral da CNBB

1

Por ocasião da XIII Assembléia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, realizada em São Paulo, de 6 a 15 de fevereiro, Paulo VI enviou ao Presidente da CNBB, Dom Aloísio Lorscheider, a carta que publicamos a seguir.

Ao Venerável Irmão
ALOÍSIO LORSCHIEDER,
Bispo de Santo Ângelo e Presidente
da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

Apresta-se essa Conferência Nacional dos Bispos do Brasil para mais uma Assembléia Geral. De per si, mais um encontro de procura, reflexão e oração em comum, a partir de fraterna permuta de pontos de vista e de experiências atuadas e vividas, e do interesse com que os seus Membros acompanham, no plano vital e doutrinal, a marcha do Povo de Deus no nosso tempo.

Foi-nos grato tomar conhecimento do Programa Geral dos trabalhos. Nele perpassa a preocupação nítida de uma serena e fiel renovação e atualização, ao ritmo do mundo atual. Com referência ao II Concílio do Vaticano, a dez anos

da sua abertura, e na linha de antiquíssima tradição — segundo a qual os Bispos de todo o orbe sempre comunicaram entre si e com o Bispo de Roma, no vínculo da unidade, da caridade e da paz, e se reuniram para decidirem em comum coisas importantes, depois de ponderada a decisão pelo parecer de muitos (cfr Concílio Ecumênico II do Vaticano, Const. dogmática *Lumen Gentium*, n.º 22) — vai abrir-se aí um diálogo, de grande interesse e alcance, tendo como tema central “a dimensão comunitária da Igreja particular”.

Unido na oração, queremos também Nós inserir-Nos, de algum mo-

do, nesse diálogo, começando por exprimir a Nossa complacência pelo acerto na escolha dos assuntos a tratar e a estudar, e uma palavra estimulante a todos os intervenientes, a dedicarem-lhes a sua habitual e generosa atenção. A isso os impelirá, sem dúvida, o zelo apostólico e os propósitos de comunhão eclesial que os animam, para tornar mais visível e irradiante a sua unidade em Cristo, garantia e incentivo para as comunidades de fé, de esperança e de amor, onde se desenrola a sua atividade pastoral que, no desempenho do Nosso supremo ministério apostólico, bem conhecemos e apreciamos.

A amplidão, profundidade e rapidez das transformações no mundo em que vivemos e o repercutir-se destas sobre os indivíduos e os grupos humanos, conjuntamente com a facilidade e evidente influxo das comunicações que — quase poderíamos dizer — tornam os homens, hoje, sempre presentes uns aos outros, seja qual for a latitude em que se achem, obrigam a aplicar-nos, constantemente, para, em Igreja,

nos situar, aperceber e discernir os sinais dos tempos.

E isso, levados por evangélico e sereno interesse de uma presença a este mundo, atual, adaptada e operante, da mesma Igreja, multi-secular “instituição, sempre viva e coerente com as suas raízes, e, ao mesmo tempo, sempre receptiva daquilo que é susceptível de fazer desabrochar em perene primavera, a linfa do Espírito Santo que sem cessar a percorre” (no **Nosso Discurso na Audiência Geral de 8 de novembro de 1972**: em **“L’Osservatore Romano” de 9 de novembro de 1972**).

Dada a necessária solidariedade de intentos entre os Pastores — para secundar esta contínua e misteriosa ação do Espírito Santo na Igreja, para conservar íntegro e vivo o Evangelho e fazer com que este responda aos apelos peculiares das situações concretas onde os homens transcorrem a sua vida — no desempenho da sua tríplice função de ensinar, santificar e governar, “com Pedro e sob Pedro”, hão-de

os seus esforços de atualidade seguir sempre determinadas coordenadas: umas, com caráter perene, traçadas por Cristo e pela Igreja e avivadas amiúde pelo Magistério; outras, ditadas pela prudência e eficácia pastorais e aferidas pela comunhão responsável na Colegialidade Episcopal e pelo bem de toda a Igreja.

Deste modo, apoiados na força da união mútua e na graça do Espírito Santo e visando confirmar os homens na vivência plena da própria condição eclesial ou trazê-los à fé, os mesmos Pastores, ao renovarem-se continuamente, serão exemplo e estímulo, também neste ponto, para os seus colaboradores e para as instituições católicas, em ordem a uma sempre crescente conjugação de esforços, na irradiação atual, serena e simpática da Boa-Nova, que se processa, antes de tudo, na paz e na alegria de uma santidade cada vez maior, que é sempre “para todo o gênero humano, o mais firme germe de unidade, esperança e salvação” (**Concílio Ecumênico II do Vaticano, Const. dogmática Lumen Gentium, n.º 9**)

Neste sentido, porque em tudo feitos modelos do rebanho do Senhor e comprometidos, a título especial, na sequela do “Único Mestre”, convém aos encontros entre Bispos o caráter de diálogo, com Cristo a presidir, porque entabulado em seu nome, e sob o olhar complacente do Pai, porque prosseguido para a sua glorificação. E assim, com as luzes do Espírito Santo, em clima de amor e de confiança assentes na aceitação e com-

preensão recíprocas, brilhará a verdade aliada com a caridade e a fortaleza com a humildade e mansidão; e, acima de tudo, se verá resplandecer a unidade do tão ardente anelo do Senhor, expresso em oração interessada, num momento bem significativo e na presença do Colégio dos Doze, continuado no tempo pelo Colégio Episcopal: que “... também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste” (**Jo 17,20-21**).

Certo de que é neste tom de diálogo que vai desenrolar-se a Assembleia Plenária dos Veneráveis Irmãos Bispos do Brasil, queremos aproveitar a ocasião para lhes testemunhar o Nosso apreço pelos esforços generosos envidados no campo da pastoral das vocações e da formação do clero; igualmente, pelo modo como acompanham, assistem e tratam os sacerdotes, que já compartilham das funções e solicitude em prol do Reino de Deus. Que, com a graça do Senhor, possam continuar a colher cada vez mais êxitos nesta louvável aplicação!

Quanto aos sacerdotes, em particular, como “filhos e cooperadores da Ordem Episcopal” e, ao mesmo tempo, “como irmãos e amigos”, insidiados, por vezes, por nuvens que podem colhê-los desabrigados, em solidão, com a perturbação, o desalento ou a insatisfação pessoal, que eles, encontrando no Presbitério estima e afeição e um ambiente de confiança fraterna, de amizade franca e de caridade firme, vejam sempre no Bispo que o preside, alguém que tem muito a

peito o bem deles, quer material, quer sobretudo espiritual (cfr Concílio Ecumênico II do Vaticano, *Presbyterorum Ordinis*, n.º 7).

Conhecemos ainda a preocupação dos Membros dessa Conferência, urgida, em não poucos casos, por angustiante escassez de clero, por inserir os leigos nas atividades eclesiais, dado o papel insubstituível, apesar de subsidiário do sacerdócio ministerial, que aí lhes cabe. Que continuem, assim, a atuar a exortação do recente Concílio: "apascentar os fiéis e reconhecer-lhes os serviços e carismas, de tal maneira que todos, a seu modo, cooperem unanimemente na tarefa comum" (Ibid. *Const. dogmática Lumen Gentium*, n.º 30).

Salientamos, por fim, na agenda dos trabalhos da Assembléia, o estudo de uma melhor organização dos Tribunais Eclesiásticos, no território da sua competência. Dado que a comunhão na realidade orgânica, que é a Igreja, não dispen-

sa uma forma jurídica, do fácil acesso e bom funcionamento, sempre animado pela caridade, dos mesmos Tribunais, podem advir grandes vantagens pastorais e espirituais, para todos aqueles que deles precisam de servir-se.

Na certeza do interesse com que constantemente acompanhamos a solicitude pastoral dos Veneráveis Irmãos Bispos desse dileto País, com a Nossa caridade fraterna, concluimos com os votos pelos melhores frutos desta sua Assembléia Geral. Para isto, invocamos sobre todos as luzes do Espírito Santo, para que, guiados por Cristo-caminho, sintonizados com Cristo-verdade, e confortados em Cristo-vida, aí façam resplandecer o rosto sem mácula da Igreja, Mãe e Mestra. Com a Nossa Bênção Apostólica, extensiva a todos os fiéis brasileiros!

Vaticano, 20 de janeiro de 1973.

PAULUS PP. VI

2

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil se reuniu em São Paulo, para a XIII Assembléia Geral, de 6 a 15 de fevereiro de 1973. Na Missa de abertura dos trabalhos, D. Aloísio Lorscheider, Presidente da CNBB, pronunciou a homilia que transcrevemos abaixo.

É com grande alegria que, nesta solene concelebração eucarística, com a presença vivificadora e rejuvenescedora do Espírito de Cristo, cujas luzes e forças especiais estamos invocando, abrimos a XIII Assembléia Geral do nosso Episcopado.

Abrimos esta Assembléia na hora em que ainda ressoam em nosso íntimo os sentimentos de gratidão ao Doador de todos os bens, pelos 20 felizes anos de vida da nossa Conferência. Embora, sem alarde, como tem sido a atitude da Conferência desde o seu início, não

deixamos — nem poderíamos deixá-lo, seria omissão faltosa —, de lembrar os que estiveram na origem do seu nascimento, entre os quais aquele que a Divina Providência quis ser o nosso Santo Padre, o Papa Paulo VI, animando o Dom Helder que, certamente inspirado por Deus, se dispunha para os primeiros passos arrojados deste acontecimento que, desde então, marca a História da Igreja no Brasil.

Sentimos, após 20 anos, como a Conferência tem sido um instrumento providencial em nossa Pátria para a pastoral orgânica, chegando a uma consolidação que, em última análise, só a graça todopoderosa do bom Deus pode explicar num País tão grande e tão diversificado como o nosso. Ano a ano cresce o número dos bispos que vêm participar de nossas Assembléias.

Também nesta XIII Assembléia Geral alegramo-nos com o grande número de presenças que, sabemos, significam não só quantidade mas também qualidade, significam participação, significam co-responsabilidade, significam o bispo assumindo a solicitude que lhe cabe dentro do colégio episcopal. Enquanto rendemos a nossa homenagem a todos os que, de uma ou outra forma, concorreram para a nossa Conferência ser aquilo que é hoje, não podemos fazer menos que, numa expansão de júbilo e agradecimento, exclamar: “Te Deum laudamus. Te Dominum confitemur...”

Estamos invocando o **Espírito Santo**, enviado pelo Pai e pelo Fi-

lho para completar a obra salvífica divina, promovendo a difusão da Igreja no Universo:

— Convém a vós que eu vá! Porque se eu não for, não virá a vós o Paráclito; mas se eu for, vo-lo enviarei... Quando vier o Paráclito, o Espírito da verdade, ensinar-vos-á toda a verdade, porque não falará por si mesmo, mas dirá o que ouvir, e anunciar-vos-á as coisas que virão. Ele me glorificará, porque receberá do que é meu, e vo-lo anunciará... Ele dará testemunho de mim; e vós também dareis testemunho, porque estais comigo desde o início” (Jo 16,7,7-14; 15,26-27).

É profissão pública de nossa fé na palavra de Cristo — “Eu vo-lo enviarei” (Jo 15,26; 16,7). É união íntima na oração com os Apóstolos, cujos sucessores somos por benignidade divina, e com Maria, Mãe de Deus e Mãe nossa, para que Pentecostes seja, entre nós, um acontecimento sempre atual e operante, de sorte que pelo impulso deste Divino Espírito, Senhor e Fonte de água viva, continuemos na Igreja e no Mundo “os atos dos Apóstolos”. O próprio Cristo quis que o Espírito Santo e nós estivéssemos sempre estreitamente unidos na realização da obra redentora: “Ele dará testemunho de mim; e vós também dareis testemunho de mim, porque estais comigo desde o início” (Jo 15,26-27).

O Espírito Santo para todos os tempos “unifica a Igreja na comunhão e no ministério, dotando-a com vários dons hierárquicos e carismáticos” (cf L G 4). Vivifica as

instituições eclesíásticas como se fosse sua alma: “faz o Espírito Santo em toda a Igreja o que faz a alma em todos os membros do corpo” (S. Agostinho). É o Espírito Santo que, de vários modos, sem cessar, acompanha e dirige a Igreja (cf **A G 5**), impelindo-a a abrir novos caminhos para abordar o mundo de nosso tempo, sugerindo e encorajando também as adaptações que se impõem ao nosso ministério (**P O 22**).

Com tão rica presença e atuação só nos resta a **abertura total do coração**, primeiramente para o próprio Deus, dóceis aos dizeres do Amém, da testemunha fiel e verdadeira, do princípio da criação de Deus: “Eis que estou à porta e bato. Se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei e cearei com ele, e ele comigo” (Apoc 3,14.20); abertura, em segundo lugar, para os outros, — o nosso próximo — conforme a palavra do Apóstolo São Paulo:

— “Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, povo santo e amado, de entranhas de misericórdia, bondade, humildade, compreensão, e paciência, suportando-vos mutuamente e perdoadando-vos. Se um tiver motivo de queixa contra o outro, como o Senhor vos perdoou, assim também perdoai-vos mutuamente. Acima de tudo, revesti-vos da caridade, que é o vínculo, da perfeição. Que a paz de Cristo ponha ordem em vossos corações, à qual também fostes chamados em um só corpo (Col 3,12-15).

Com um coração bem aberto à graça de Deus e à compreensão dos Irmãos no Episcopado e demais colaboradores que, nestes dias, se esforçarão conosco para que o Templo de Deus adquira maior consistência e beleza, o Corpo de Cristo cresça vigoroso e sadio, o Povo de Deus prossiga em sua peregrinação com mais ânimo e mais esperança, procuraremos todos dar de nós mesmos o melhor, para que esta XIII Assembléia Geral mais ainda que as doze anteriores, constitua um marco sólido na história eclesíástica do Brasil.

Total disponibilidade — que é humildade, pobreza, ministério no espírito do Servo de Jahvé (Fil 2,6 ss.; Is 53) que não veio para ser servido mas para servir e dar a sua vida em redenção de muitos: deve impregnar a nossa vida cristã, religiosa, sacerdotal e episcopal nestes próximos dez dias, duração de nossa Assembléia. Mais do que dias de debate consideremo-los dias de oração, de reunião fraterna, de construção do Reino de Deus em nossas Igrejas: “um só coração, uma só alma, todos unidos na doutrina dos apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações” (At 4,32; 2,42).

Em nome, pois, do Pai, do Filho e do Espírito Santo, modelo supremo e princípio do mistério da unidade eclesial, e sob a proteção da Virgem Aparecida, Nossa Padroeira, iniciemos confiantes a caminhada dessa XIII Assembléia Geral. Assim seja.

**A UNESCO elaborou e publicou,
em setembro de 1972,
importante Relatório
sobre o Desenvolvimento da Educação.
Irmã Clare Teresa, membro do Conselho
Geral das Irmãs da Assunção,
apresentou-o às suas irmãs.
É esta síntese que comunicamos
a nossos leitores.**

Irmã Clare Teresa, R.A.

O Desenvolvimento da Educação

Se as Irmãs da Assunção se questionam sobre a importância e o futuro da educação, precisam ler o Relatório da Comissão Internacional sobre o desenvolvimento da Educação **Apprendre à Être**, elaborado pelo UNESCO e publicado em setembro de 1972.

Este relatório é o resultado do estudo de vários sistemas de educação no mundo inteiro. A Comis-

são recebeu cerca de 75 relatórios preparados pelos **experts** e visitou vinte e quatro países para examinar **in loco** as situações concretas.

Um segundo volume, composto de extratos de 91 documentos preparatórios, será publicado proximoamente.

A finalidade é ajudar os governos membros da UNESCO a elaborar suas estratégias nacionais

para o desenvolvimento da educação em seus países.

O relatório está dividido em três grandes partes:

— Constatações

— Prospectivas

— Em Busca de uma Cidade Educativa.

Há uma introdução histórica seguida de interpelações e de desafios de hoje, de objetivos e de sugestões para a ação. Tudo se resume em vinte e um princípios que propõem estratégias para a educação no futuro.

Em certo sentido, tais princípios não contêm nada de novo para educadores familiarizados com os problemas e a literatura sobre educação (revistas, estudos, pesquisas etc.). Creio que todas aquelas críticas e aquelas idéias já são conhecidas. Mas o Relatório apresenta uma visão global, unificada e realista que não é apenas mais uma análise da situação, porém, um plano para a ação.

Este livro é a primeira resposta a seu próprio apelo de "repensar seriamente os objetivos, as modalidades e as estruturas da educação." Quadros estatísticos, exemplos de inovação, experiências variadas fazem deste estudo um livro de referência e um instrumento de pesquisa e de consulta.

As 300 páginas de **Apprendre à Être**, na tradução inglesa **Learning to Be** não serão assimiladas numa rápida leitura. Exigir-se-á esforço. Ninguém, entretanto, po-

derá dar-se ao direito de colocá-lo de lado ou de ignorá-lo. Esta obra, fundamental para os responsáveis pelos programas de educação, não é útil só para eles, um simples professor encontrará nela matéria para reflexão e para aplicações práticas.

Alguns temas de interesse

1. Uma simpatia pelo desamor e pela insatisfação dos jovens frente ao sistema e frente ao apelo por uma autêntica renovação.

2. A insistência sobre a importância da educação permanente e a recusa em aceitar **escola** como sinônimo de **educação**.

3. O apelo a uma autêntica democratização da educação e a rejeição dos sistemas elitistas e burgueses.

Em termos de despesas globais, a educação tornou-se, depois da Segunda Guerra Mundial, o maior campo de atividade do mundo. Mas a **qualidade** desta educação precisa ser questionada.

Os sistemas de educação em lugar de ensinar como abordar a vida, tornaram-se instituições estabelecidas.

Dá-se exagerada importância à distribuição e à estocagem do saber adquirido em lugar de se ensinar a aprender. Aprender a aprender.

A busca do emprego (do diploma) é geralmente privilegiada em relação à sede de saber (**libido sciendi**) cuja importância mesma

pode, com frequência, ser negligenciada.

Os programas não correspondem mais às necessidades e às interrogações dos jovens de hoje. "As carências e as desproporções dos programas de ensino se revelam como um dos sinais mais graves dos males de que é vítima a educação. O divórcio entre os componentes intelectuais, físicos, estéticos, morais e sociais revela depreciação e alienação da pessoa humana; revela as mutilações que lhe são inflingidas."

O ensino sofre essencialmente do distanciamento existente entre seu conteúdo e a experiência vivida pelos alunos; entre os sistemas de valores que ele propaga e os objetivos visados pelas sociedades; entre a idade de seus programas e a idade da ciência atual. Unir a educação à vida, associá-la a objetivos concretos, estabelecer uma correlação estreita com a sociedade e com a economia, inventar e redescobrir uma educação em íntima simbiose com o meio ambiente, com certeza, é neste rumo que devem ser procurados os remédios.

Por muito tempo, o ensino teve por missão preparar para funções típicas, para situações estáveis, para um momento da existência, para uma determinada tarefa ou para um dado emprego inculcando um saber convencional, ancestralmente delimitado. Esta concepção tenta ainda prevalecer. A idéia da aquisição, na idade jovem, de uma bagagem intelectual e técnica suficiente para toda a

vida, já caducou. É um axioma fundamental da educação tradicional que já se desmoronou. O momento não está exigindo dos sistemas educativos coisas bem diferentes? Aprender a viver, aprender a aprender, de maneira a poder adquirir conhecimentos novos ao longo de toda a vida; aprender a pensar de modo livre e crítico; aprender a amar o mundo e a torná-lo mais humano; aprender a fazer desabrochar um trabalho criador.

Ensino personalizado

Ademais, os programas escolares têm de se adaptar ao mundo de hoje tal como os jovens atuais o conhecem com seus problemas, com seus conflitos, suas guerras e seus racismos, suas minorias, sua fome, sua poluição.

Esta carência traduz o temor e a recusa de abordar questões espinhosas. Afinal, estas questões apontam um número variado de disciplinas difíceis de incluir em programas estritamente compartimentados por matérias.

A crise atual de autoridade, a contestação do paternalismo, dos modelos impostos, de princípios mais afirmados do que demonstrados, se manifesta também pela revolta na educação.

Os **experts** apontam como muito culpado o autoritarismo, seja nos sistemas escolares, seja nas relações entre aluno e mestre. Eles pedem que se livre dos dogmas da pedagogia tradicional para a qual o mestre ou o professor é quem transmite os ensinamentos.

“O professor, ao lado das tarefas tradicionais, é convidado hoje a tornar-se cada vez mais, conselheiro, interlocutor.”

A finalidade é levar o aluno à “autodidatologia”. Nisto há um eco do método de autoconscientização de Paulo Freire, onde o aluno se transforma de “objeto em sujeito de sua educação.”

É lógico, neste caminho, será necessário personalizar o ensino.

“Assegurar chances iguais a todos, não consiste como se quis ensinar até agora, em garantir um tratamento idêntico a todos, em nome de uma igualdade formal, mas antes, oferecer a cada indivíduo um método, uma cadência, formas de aprendizagem que lhe convenham como pessoalmente adaptadas.”

Um campo imenso de aperfeiçoamento se abre diante da prática pedagógica se ela quer se livrar de dois males funcionais que fazem dela, com frequência, uma madrasta: a ignorância, para não dizer negação simplista da complexidade e da sutileza das riquezas da personalidade, da multiplicidade de suas formas e dos meios de expressão; e a recusa de reconhecer a infinita diversidade das pessoas, dos temperamentos, das aspirações, das vocações.

Contesta-se também o estilo burguês e muito intelectualizado de um sistema que não corresponde mais nem às verdadeiras necessidades nem à vida atual; que em si é elitista e não tem condi-

ções de se adaptar às massas, o *sine qua non* de uma educação democrática e que leva à alienação do meio onde se vive.

Não configuramos, dentro desta descrição, muitas de nossas escolas, mesmo daquelas que conotamos de mais abertas socialmente?

E a distância cresce

“Sabemos que o modelo acadêmico, ainda em moda em muitos países e que produziu em determinadas condições de época e de sociedade, os resultados que se esperou dele, encontra-se hoje fora de moda e ultrapassado, não somente na perspectiva das classes populares, mas na perspectiva também da mesma juventude burguesa, em favor da qual foi anteriormente concebido. Ele reproduz imperturbavelmente os tiques das gerações precedentes. É exageradamente memorizado e teorizado. Privilegia a expressão escrita, repetitiva e convencional em detrimento da expressão oral, da espontaneidade, da busca criativa. Isola arbitrariamente as humanidades (consideradas como não científicas) das ciências (consideradas como não humanistas) e persiste em ignorar o aparecimento das “humanidades científicas”. Separa o ensino dito **geral** do ensino **técnico**; marca por abstração uma preferência que parece traduzir um preconceito social da aristocracia em detrimento das atividades, consideradas como servis. Uma atitude própria de Platão que condenava os fundadores da mecânica. Revela frente a toda atividade prática, uma extraordinária alergia.”

Estas escolas, cada vez mais, são carentes de articulação com o meio que pretendem servir.

E é lógico, esta alienação é mais profunda nos países para onde foram transportados (ou impostos) modelos europeus.

“Realmente, o sistema educativo dos países desenvolvidos apresenta sempre, ou ao menos num grande número de casos, o duplo caráter, de um lado, ser pré-tecnológico quanto ao ensino em si mesmo e, de outro, elitista quanto ao recrutamento social, tratando-se, entenda-se, de um nível elevado de estudos. O mesmo sistema, com as mesmas características, foi normalmente introduzido nos países subdesenvolvidos, onde apresenta um inconveniente suplementar de não se adaptar ao desenvolvimento cultural nem ao meio social e humano.”

Deplora-se, então, seja na educação como no progresso econômico, que a distância entre países desenvolvidos e países subdesenvolvidos continui crescendo.

A escola não é a dispenseira da educação e nem o pode ser. Mas a identificação entre escola e educação persistirá até que se implante a idéia de uma educação permanente.

Tendência secularizante

A aceleração das mudanças no mundo moderno o torna indispensável. Não é mais possível — se é que alguma vez o foi — munir-se, na idade juvenil, de uma bagagem de conhecimentos válidos

para a vida toda. Não é mais possível ignorar ou não utilizar outros meios educativos.

A Escola e as instituições escolares têm um papel cada vez mais importante em valor absoluto. Seu valor relativo, com referência a outros meios educativos e a outros meios de comunicação entre as gerações, não se apagou, mas tende realmente a diminuir.

Trata-se de múltiplos meios de educação acessíveis a todos, sem referendar o momento da vida, para períodos indefinidos, segundo as necessidades individuais e as tarefas a que o aluno se propõe.

O ponto culminante e lógico do Relatório é a parte que fala da **Cidade Educativa**.

“Se é preciso reinventar e renovar constantemente o que se deve aprender, então a aprendizagem torna-se educação e, cada vez mais, aprendizagem. Se aprender é tarefa para toda a vida, seja na sua duração como na sua diversidade, também o é de toda a sociedade, no que concerne a todos os recursos educativos, sociais e econômicos. É uma necessidade também ir além da revisão necessária dos sistemas educativos e pensar em plano de uma cidade educativa.”

Tal é a verdadeira dimensão do desafio educativo do futuro. Não só os conservatismos culturais tornam-se mais fáceis de serem vencidos mas também as resistências econômicas e políticas. Face ao preço, mede-se o desafio. Como recusar o combate?

É preciso confessar que a imagem que o oferece a este respeito é muito incompleta. Lamenta-se o diminuto lugar dado à dimensão espiritual do homem (não importa a dimensão religiosa se judaico-cristã, se hindu, se budista ou animista).

Mas é um fato que se precisa ter em mente: ver o movimento de tendência secularista ou secularizante do mundo moderno, representado pela UNESCO. Ademais, a Comissão tinha de conciliar posições divergentes que caracterizam a sociedade e os homens atualmente.

Algumas questões que levanto

Não são questões retóricas. Apenas questões honestas que podem suscitar um diálogo dentro da Congregação.

Primeira. A Cidade Educativa e o Relatório da UNESCO demonstram a tendência dos Governos para se considerarem os responsáveis pela educação em seus países.

“Vê-se confirmar-se o **transfert** das responsabilidades em matéria de ação educativa. No início do século XX, a educação era ministrada principalmente pela família, pelas instituições religiosas, pelas escolas subvencionadas, pelas escolas de aprendizagem profissional e pelos estabelecimentos independentes de ensino superior. Hoje, na maioria dos países do mundo, incumbem-se essencialmente destas responsabilidades, os poderes públicos, o Estado. E isto por três razões principais.

A primeira resulta de uma tendência geral de contar com os organismos públicos para se satisfazer às necessidades sociais. A segunda: em quase todos os países, mesmo naqueles que admitem e, em alguns casos, até encorajam as iniciativas privadas, só mesmo o Estado está capacitado a assumir a responsabilidade global da política educacional. A terceira: numerosos governos conscientes da importância do papel político da escola, se propõem assumir seu controle.”

Os **experts** do Relatório, entretanto, respeitam o setor privado da educação de acordo com seu ideal democrático e pluralista. Admitem mesmo que a iniciativa particular favorece a renovação e a inovação pedagógica.

Sabemos que a Igreja não tem recursos financeiros para manter seu próprio sistema em concorrência com as Escolas do Estado. E talvez nem seja mesmo justo dispendir tanto dinheiro para escolas a serviço grandemente da burguesia, pequena ou grande.

Nos Estados Unidos, os Bispos, não as comunidades cristãs, se vêem obrigados a fechar escolas cada ano, embora se diga que é preciso conservá-las. Não têm meios para conservá-las. Evitam sempre colocar a questão em nível político.

Não seria uma ocasião para um apelo aos pais cristãos, os verdadeiros responsáveis pela educação dos filhos, para se engajarem numa iniciativa mais ousada no domínio político?

Nos países ditos democráticos, deve-se reivindicar uma autêntica liberdade para todos face a um justo pluralismo?

E nós, temos, neste ponto, um papel a representar?

Segunda. Face a uma sociedade pluralista e face às dificuldades, sobretudo financeiras, os bispos, os padres, os educadores e os pais gritam: "Um lugar para a escola cristã", como em outros tempos gritavam: "Templos! Templos!" Mas podemos demonstrar qual é este lugar? Pode ser que este lugar seja diferente, na ótica de uma cidade educativa e na ótica do sistema de escolas católicas. Se este lugar estiver um pouco à margem da sociedade é indispensável resituá-lo.

Pode-se individuar um papel menos global e mais específico sobretudo em nível secundário? Exemplo: As faculdades de teologia nas grandes universidades que colaboram com programas interdisciplinares.

A escola se apresenta sob dois aspectos: Aspectos tecnológicos e aspectos de valores.

Terceira. Neste volumoso livro, não se faz nem menção à contribuição atual da Igreja Católica. É normal que a UNESCO não se interesse por isso. A Igreja é uma instituição religiosa e não tem lugar num tal relatório. Mas lamento que a Igreja enquanto educadora seja apenas uma instituição em sua série de instituições.

Parece então que aos olhos destes **experts** as obras educativas da

Igreja não passam de uma ordem puramente quantitativa. Elas não se distinguem das instituições do Estado. Como educadora, a Igreja faz parte do sistema. Não se deve, pois, estranhar que a Igreja se submeta às mesmas como uma instituição qualquer.

Mas deve-se permanecer assim?

Poder-se-ia desejar maior criatividade, maior inovação. A Igreja sempre gozou de certa liberdade neste domínio, embora lhe faltem, às vezes, os recursos financeiros.

No momento, gostaria de chamar a atenção para os esforços da **democratização**.

Considerando que algumas nações não têm vontade e, às vezes, nem a possibilidade de colocar em ação uma política educativa de democratização; considerando que a educação é um dos mais poderosos meios de **libertação**, não conviria que a Igreja aceitasse o desafio?

Desequilíbrio atual

A UNESCO não hesita em denunciar o desequilíbrio atual.

"A injustiça reina sempre de mil maneiras no mundo educativo. As diferenças entre as regiões podem atingir fortíssimos contrastes, na medida em que as cifras descrevem a situação da educação num setor geográfico em comparação com outro. Há diferenças de mais de 50%, para mais ou para menos, da média nacional correspondente. Outra causa freqüente de desigualdade: a **concentração dos meios educativos** nos principais centros em detrimen-

to de vastas regiões rurais e das próprias periferias dos centros urbanos, onde a injustiça é mais flagrante ainda; em detrimento das favelas e de outros lugares de pobreza e de infortúnios. De grandes disparidades quase sempre nascem, **grupos étnicos e raciais**, porque a desigualdade, muitas vezes, é gritante, mesmo nos países que dispõem de abundantes meios materiais para remediar”.

Certos setores da educação são para grandes privilegiados, enquanto outros são para famílias pobres, de acordo com a **linhagem social** a que se destinam. Carentes de cuidados que as necessidades físicas e mentais da **primeira infância** exigem; carentes de educação para a idade pré-escolar, as crianças pobres e submetidas a discriminações raciais e sociais, estão forçadas a uma situação difícil e se encontram prejudicadas, de maneira, às vezes, irreversível, se comparadas às crianças provenientes de famílias ricas ou de meios mais favoráveis ao desenvolvimento. As oportunidades, estando cada vez mais condicionadas à medida em que se eleva na escala das promoções, uma seleção mais ou menos arbitrária barra o caminho a numerosos indivíduos capazes de prosseguir seus estudos. Carentes de programas de **alfabetização** e de formação profissional **extra-escolar** suficientemente extensos, aqueles a quem faltou a possibilidade de frequentar os bancos escolares vêm suas chances de se instruir, sempre em decréscimo, de época para época.

Tudo se passa freqüentemente como se o direito universal à ins-

trução de que se orgulhou prematuramente a civilização contemporânea fosse por uma justiça às avessas recusada arbitrariamente aos mais deserdados e àqueles que, desde o início, fossem de sociedades pobres ou isolados nas sociedades ricas.

A Igreja dispõe de imensos efetivos educacionais, numerosos professores, bens imobiliários, finanças. Se ela é a Igreja dos pobres, não deverá tentar equilibrar a balança em favor dos menos privilegiados? Neste domínio não terá a Igreja um papel profético a desempenhar? Ou **evangélico** para as pessoas alérgicas àquela palavra?

Deixemos a Igreja. Passemos à Congregação da Assunção. Este desequilíbrio não existe na distribuição de nossos efetivos? Tanto em escala mundial, como no interior de nossas províncias?

Quarta. A metodologia empregada pela Comissão da UNESCO faz com que eu me pergunte se não nos estacionamos demais no estágio da constatação e da interpelação. É um método desencorajador. Falta talvez à nossa reflexão a parte essencial: a elaboração de uma política, de objetivos, de estratégias, de uma planificação. Estes capítulos de **Appendre à Être** merecem ser lidos para se estudar a maneira de abordar as situações espinhosas e problemáticas de nossas próprias instituições.

Em Busca de uma Cidade Educativa, a terceira parte do Relatório, começa com esta frase: Não se pode predizer futuros. Temos de escolher e construir um futuro.

ANO DE ATUALIZAÇÃO

O Decreto sobre a Formação Optatum Totius de 28 de outubro de 1965 prescreve aos neo-sacerdotes um Curso de Pastoral.

O Decreto Conciliar Presbyterorum Ordinis, n.º 19, recomenda aos padres um ano sabático de reciclagem periódica em ciências teológicas e métodos pastorais e sobretudo cursos e estudos “ad vitam spiritualem roborandam”.

O Documento da II Conferência do CELAM insiste na instituição de meios adequados e tempo disponível para a “atualização dos Sacerdotes” (SEDOC — Novembro 1968, p. 724).

Em muitos países já existem cursos instituídos expressamente para a reciclagem teológica Espiritual do Clero e dos Religiosos.

Apresentamos aqui algumas sugestões. Esta informação evidentemente é bastante incompleta e falha. Agradeço as informações e correções que me forem enviadas a fim de poder prestar um melhor serviço.

João E. M. Terra, sj.
Via Aurelia, 527
00165 — ROMA

OBSERVAÇÕES PRÉVIAS

1. *Todas as Faculdades de Teologia de Roma estão divididas em três ciclos (conforme as "Normae S.C. pro Institutione Catholica", 20-V-1968, n. 5):*
 - 1º ciclo **INSTITUCIONAL**: — (Bachalerado): 3 anos teológicos de base.
 - 2º ciclo de **ESPECIALIZAÇÃO** (Licenciatura): 2 anos.
 - 3º ciclo de **PESQUISA** (Doutorado): 2 anos.
2. *Em geral todas as Faculdades comportam três espécies de estudantes:*
 - a) *Ordinários: que visam a consecução de graus acadêmicos.*
 - b) *Extraordinários: que não visam graus acadêmicos, mas freqüentam uma Faculdade determinada.*
- c) *Hóspedes ou Ouvintes: que escolhem cursos avulsos de uma ou de diversas Faculdades. (Os 'ouvintes' não precisam ter títulos acadêmicos prévios para poder freqüentar as aulas).*
3. *Sacerdotes e Religiosos que desejem fazer apenas um ano de reciclagem teológica (espiritualidade, teologia bíblica, pastoral, psicologia etc.) poderão facilmente organizar um bom programa pessoal, assistindo como hóspedes ou ouvintes cursos avulsos do 2º ciclo, (especialização teológica) de uma ou diversas Faculdades.*
4. *O sinal *** é uma sugestão como um curso ótimo para quem pretenda fazer apenas um ano de "aggiornamento" teológico.*

Institutos Superiores em Roma

I — **PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE GREGORIANA (PUG)**
Piazza della Pilotta, 4
00187-ROMA-Itália. Tel. 6707

1. Instituto de Espiritualidade

Finalidade: (duas seções)

- *** a) Seção acadêmica: (Licença e Doutorado). Visa preparar os estudantes para a investigação científica e para o magistério universitário (2 anos + tese). Pressupõe o bacharelado em teologia).

*** b) Seção não-acadêmica: **Biênio**. Conhecimento sólido de Teologia Espiritual visando a preparação de formadores e Diretores Espirituais. Concede um **DIPLOMA** no fim do curso (2 anos).

2. Faculdade de Missiologia

a) Curso Acadêmico. Supõe o curso básico de teologia (3 anos). Confere a Licença em dois anos. Para o Doutorado requer-se a elaboração de uma tese.

*** b) Curso Pastoral de **MISSIOLOGIA**

Currículo de **um** ano para formação sobre problemas atuais das Missões. Não requer graus acadêmicos prévios nem os confere. Mas dá um **DIPLOMA** no fim do curso.

3. Instituto de Ciências Religiosas

Finalidade: (para leigos ou Religiosos que não cursaram teologia). Visa preparar Professores de Religião de Escolas Superiores, médias e inferiores, ou então preparar animadores de Comunidades, apostolado dos meios de comunicação social, etc., **Currículos**. Três níveis:

a) Diploma de **CULTURA SUPERIOR RELIGIOSA**: curso de um ano.

b) Diploma de **CIÊNCIAS RELIGIOSAS**: biênio.

c) **MESTRADO** em Ciências Religiosas: quatro anos.

4. Instituto de Psicologia

Compreende três ciclos:

a) Bacharelado em dois anos. Dá uma formação geral nas Disciplinas psicológicas e Religiosas.

b) Licença em três anos.

c) Doutorado em quatro ou cinco anos.

Condições para matrícula: a) curso secundário completo; b) certa preparação filosófica; c) curso básico de teologia.

5. Faculdade de Ciências Sociais

Currículos: quatro níveis.

a) Propedêutico: um ano. Curso básico (economia, estatística, metodologia de investigação social, **INTRODUÇÃO** à sociologia geral, à psicologia, ao Direto, etc.).

b) Bacharelado: + 1 ano. c) Licença: + 1 ano. d) Doutorado: + 1 ano.

6. Curso de Pastoral "Dell'Attività Pastorale Della Chiesa"

*** **Finalidade:** é o quarto ano de Teologia para Sacerdotes ou Estu-
riculos. Três níveis:

dantes que terminaram o triênio básico de Teologia e não pretendem graus acadêmicos.

7. Licenciatura Especializada em Teologia: 2 anos

A GREGORIANA apresenta 7 possibilidades de especialização teológica em ordem à Licenciatura em Teologia. Esses cursos podem ser freqüentados também por "Ouvintes" que não pretendem obter a Licença.

a) Especialização Bíblica:

- O ambiente bíblico e seu mundo cultural
- Exegese do A.T. e do Novo Testamento
- Teologia Bíblica
- Escritura e Pastoral

b) Especialização em Patrística:

- A era dos Santos Padres
- História da Teologia

c) Especialização em Teologia Moral:

- Moral Bíblica e Histórica
- Moral Sistemática
- Questões especiais de Moral

d) Especialização em Teologia Fundamental:

- Metodologia e Hermenêutica
- Deus revelado em Cristo
- A Igreja de Cristo
- Cristianismo e outras Religiões

e) Especialização em Teologia Dogmática:

- O Problema de Deus
- Cristologia
- Eclesiologia
- Liturgia e Sacramento
- Antropologia
- Teologia das Missões

f) Especialização em Teologia Missionária:

- História das Religiões
- Religiões não-cristãs
- Missiografia. Moral Missiológica. Etnologia Religiosa.

g) Especialização em Espiritualidade:

- Teologia Espiritual
- Espiritualidade Bíblica
- História da Espiritualidade
- Psicologia Pastoral

II — PONTIFÍCIO ATENEO SALESIANO (PAS)

Piazza dell'Ateneo Salesiano, 1
00139 ROMA — Tel. 88.46.41

1. Curso Anual de Formação Pedagógica para Educadores de Seminários

*** **Finalidade:** dupla modalidade de cursos: 1.º Curso: para Promotores das Vocações e dos Seminários Menores. 2.º Curso: para encarregados da formação dos Sacerdotes e Religiosos (Mestres de Noviços, Diretores Espirituais, etc.). Cada ano funciona um dos cursos alternadamente. Em 1973-74: funcionará o 2.º Curso.

Disciplinas: Teologia-espiritual e Psico-pedagógicas. **DIPLOMA** de qualificação pedagógica. **Condição para matrícula:** Sacerdotes ou Religiosos com (3) anos de experiência pastoral. **Duração do curso: um ano.**

2. Facoltà di Scienze Dell'Educazione

Finalidade: Promover pesquisas na área das Ciências da Educação. Formação de Professores e Técnicos em vários níveis no setor da Educação.

Currículo: 1.º ciclo: Licença em três anos. 2.º ciclo: Láurea no fim do 4.º ano.

Disciplinas comuns: Sociologia — Política — Filosofia — Teologia da EDUCAÇÃO. Psicologia dinâmica e evolutiva. **Disciplinas especializadas:** divididas em 5 seções: 1. Metodologia pedagógica; 2. Didática; 3. Catequética; 4. Psicologia; 5. Sociologia da educação.

III — INSTITUTO PONTIFÍCIO TERESIANUM

Piazza S. Pancrazio, 5a
ROMA Tel. 58.10.140

1. Biênio Acadêmico de Especialização em Teologia Espiritual

Finalidade: Licenciatura especializada em Teologia Espiritual. Estudantes **ORDINÁRIOS:** (supõe o curso básico de teologia).

Disciplinas: Espiritualidade Bíblica. Sistemática geral da teologia espiritual. Espiritualidade Sacerdotal. Espiritualidade dos Leigos. Espiritualidade da vida religiosa. Liturgia e vida espiritual. História da Espiritualidade. A direção espiritual. Espiritualidade Patrística. Questões dogmáticas e especializadas de espiritualidade.

2. Curso Intensivo para Perícia em Espiritualidade (Teresianum)

*** **Finalidade:** para Sacerdotes e religiosos aplicados no campo da formação e Direção.

Currículo: 1 ano: 12 aulas semanais; um trabalho escrito. **Disciplinas:** as mesmas elencadas no curso acadêmico precedente.

3. Curso Anual de Formação (Pedagógica) Espiritual para Educadores de Seminários. (Teresianum).

*** Este curso é em colaboração com o curso 1.º do PAS.

Disciplinas: Teológico Espirituais: Tendências da espiritualidade contemporânea. Problemática atual do Sacerdócio. Liturgia e Espiritualidade. Fundamentos da Direção Espiritual. Espiritualidade bíblica. Espiritualidade da vida consagrada.

Disciplinas psico-pedagógicas (no PAS): Psicologia evolutiva. Psicologia da vocação. Pastoral das vocações. Psicopatologia, etc.

IV — UNIVERSIDADE PONTIFÍCIA S. TOMÁS (ANGÉLICUM)

Largo Angelicum 1

ROMA Tel. 679.34.00

1. Instituto de Espiritualidade

Finalidade: prática: preparar Diretor Espiritual e Mestres de noviços; **especulativa:** promover o estudo científico da teologia ascético-mística e da história da Espiritualidade.

Currículo: 3 seções principais:

— Teologia ascético-mística.

— História da Espiritualidade.

— Psicologia e Sociologia religiosa.

Estudantes ORDINÁRIOS poderão freqüentar simultaneamente outros institutos e receberão um DIPLOMA.

2. Instituto de Ciências Sociais

Finalidade: introdução ao método de pesquisa e formação geral e orgânica das ciências sociais tendo em vista sua integração dentro da visão cristã do homem e da sua inserção na sociedade.

Currículo: 1.º ciclo: biênio institucional. 2.º ciclo: + 1 ano para Licença.

3. Instituto Superior de Ciências Religiosas "Mater Ecclesiae"

*** **Finalidade:** a) dar uma doutrina filosófico-teológica universitária.

b) preparar para o magistério de Ciências religiosas.

Condição para matrícula: curso secundário completo.

Currículo: 1.º ciclo: 1 ano. Estudo integrado de filosofia e teologia. 2.º ciclo: 3 anos. Confere o título de MASTER OF ARTS in Religious Sciences; (Licença em Ciências Religiosas).

V — ACADEMIA ALFONSIANA

Via Merulana, 31

00100 — ROMA Tel. 73.15.841

Instituto Superior de Teologia Moral

1.º **Biênio Acadêmico para Licença em Teologia Moral.** Pressupõe o curso básico de teologia (3 anos = bacharelado).

*** 2.º **Curso Bienal para “Diploma” em Teologia Moral.** Finalidade: Não visa graus acadêmicos, mas uma cultura profunda no campo da teologia Moral. Duração: 2 anos. Confere: Diploma.

VI — PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE LATERANENSE

Piazza S. Giovanni in Laterano, 4

00184 ROMA

1. Instituto Pontifício de Pastoral

*** **Finalidade:** Preparação de Sacerdotes e Leigos para o apostolado e para preparação de novos métodos pastorais.

Especialização na pastoral visando a apresentação da mensagem evangélica de modo adaptado ao homem de hoje.

Currículo: 1. Biênio (DIPLOMA de “especialização em Pastoral”).
2. Licença em Teologia Pastoral (para o aluno que já tiver o curso básico teológico (3 anos = bacharelado).

Disciplinas: Matérias fundamentais (Escritura — Dogma — Moral).
Matérias especiais obrigatórias. Matérias optativas.

2. Corso Annuale di Pastorale

*** **Finalidade:** para neo-sacerdotes e para reciclagem de padres.

Currículo de um ano: cursos obrigatórios: Liturgia Pastoral. Pastoral da Pregação. Catequética Pastoral. Pastoral da Comunidade local. Sociologia religiosa. Pastoral dos meios de comunicação social. Psicologia pastoral. Pedagogia pastoral. Cursos optativos.

3. Quarto Anno di Teologia di Indirizzo Pastorale

Finalidade: para estudantes de teologia que terminaram o triênio de base e não pretendem graus acadêmicos.

Currículo: 1 ano. Cursos obrigatórios de teologia pastoral. Bases bíblicas da Pastoral. **Pastoral:** litúrgica, pedagógica, psicológica, sacramental, familiar. Pastoral dos meios de comunicação social.

4. Instituto Superior de Ciência Religiosa “Ecclesia Mater”

*** **Finalidade:** FORNECER a não-Sacerdotes uma formação orgânica das ciências sagradas em vista do apostolado do ensino da religião nas Escolas Superiores, Médias e primárias.

5. **Biênio de Especialização em Teologia**

Finalidade: para os estudantes de Teologia que terminaram o triênio teológico de base. Termina com a LICENÇA especializada.
Currículos de especialização:

- a) Especialização DOGMÁTICA com orientação: Bíblica, Sacramental, Moral-Espiritual, Histórico-Patristica.
- b) Especialização em PASTORAL:
— PASTORAL: teológica, litúrgica, sacramental, catequética, missionária, sócio-religiosa, etc. Teologia do Desenvolvimento.
- c) Especialização sobre “o fato religioso na História da Salvação”. Filosofia, Sociologia e Psicologia da RELIGIÃO. Marxismo. Religião e Filosofia analítica. Secularização e ateísmo. Linguagem religiosa. Liberdade religiosa, etc.

VII — **PONTIFÍCIO INSTITUTO PATRÍSTICO “AUGUSTINUM”**

Via di S. Uffizio, 25
00193 — ROMA

Finalidade: Especialização na história e teologia dos Santos Padres. Cinco seções: a) Teologia dos Santos Padres. b) Leitura dos Santos Padres. c) Estudos propedêuticos. d) Contexto sócio-cultural dos Santos Padres. e) Santo Agostinho.

VIII — **INSTITUTO PONTIFÍCIO “CLARETIANUM”**

Via Aurelia, 619
ROMA Tel. 6223.348

Institutum Theologiae Vitae Religiosae “Claretianum”

Finalidade: Aprofundamento científico das bases bíblico-teológicas da Vida Religiosa.

Currículo: biênio para LICENÇA em Teologia especializada da VIDA RELIGIOSA.

- a) **Cursos fundamentais:** 1) Seis cursos sobre as bases bíblicas da vida religiosa. 2) 10 cursos sobre as características fundamentais da vida religiosa. 3) 4 cursos sobre a história das formas de vida religiosa (origens do monaquismo, etc.). 4) 3 cursos sobre psicologia geral e aplicada. 5) Sociologia religiosa. 6) 4 cursos de Espiritualidade litúrgica e Vida Religiosa.
- b) Cursos especiais.

IX — PONTIFICIO ATENEO ANTONIANUM
Via Merulana, 124
00185 ROMA

Instituto de Espiritualidade

Finalidade: Cursos para Licença e Doutorado em teologia com orientação particular para a espiritualidade franciscana.

X — UNIVERSIDADE "PRO DEO"
Via Pola, 5
00100 ROMA

Diversos cursos de Questões Pastorais a cargo dos Padres Dominicanos.

XI — ATENEO PONTIFICIO "ANSELMIANUM"
Piazza dei Cavalieri di Malta, 5 ROMA

Pontifício Instituto Litúrgico

Finalidade: biênio para a Licença em Liturgia. Os estudantes Ordinários devem ter o curso básico de teologia e saber latim e grego. Admite também estudantes extraordinários e hóspedes.

XII — CENTRO DI SPIRITUALITA POSTCONCILIARE
Via dei Laghi, km 10
00040 ROCCA DI PAPA (Roma)

Centro de Espiritualidade Posconciliar

Finalidade: Cursos de dois meses de "aggiornamento" pastoral-espiritual a cargo do P. LOMBARDI, durante todo o ano.

XIII — PONTIFICAL NORTH AMERICAN COLLEGE
Via dell'Umiltà, 30
00187 ROMA

Institute for Continuing Theological Education.

Finalidade: Three months' courses for updating theology.

XIV — CENTRUM IGNATIANUM SPIRITUALITATIS
Borgo S. Spirito, 5
00193 ROMA

Curso Internacional de Diretores de Exercícios

Duração: fevereiro-março.

XV — INSTITUTO PONTIFÍCIO DE ARQUEOLOGIA CRISTA
Via Napoleone II, 1 00185 ROMA

O curso funciona todos os sábados. Visitas de estudos às quintas-feiras aos principais lugares arqueológicos de Roma.

BÉLGICA

1. Lumen Vitae

186, Rue Washington
1050 BRUXELAS — Bélgica

Lumen Vitae. Seções de Evangelização e Catequese. **Finalidade:** Especial para países em vias de desenvolvimento. Renovação da Vida Religiosa. Um ou dois anos.

2. Anne de Pastoral

Abadia de Saint-André
BRUGES, Bélgica

Anne de Pastoral. Cursos de um ano centralizados em torno da Pastoral LITÚRGICA.

ESPAÑA

1. Universidade Pontifícia de Salamanca. Sección de Madrid.

Limite, 3
MADRID (3), Espanha

Instituto de Pastoral. **Finalidade:** Sesiones de Evangelización, Catequética y Litúrgica. Em 1973-74: Curso de um ano sobre a Vida Religiosa.

2. Fe y Secularidad

Diego de León, 33, 3o dcha.,
MADRID (6), Espanha

Fe y Secularidad (Dirigido pela Companhia de Jesus). **Finalidade:** Organiza cursos monográficos sobre a matéria. Biblioteca e arquivo especializados.

3. Faculdade de Teologia de Barcelona

San Cugat del Vallés
BARCELONA — Espanha

Instituto de Cultura Superior de Religião
Rosellon, 223 — BARCELONA

Finalidade: Teologia para leigos. 3 anos. Curso noturno.

FRANÇA

1. Institut Catholique du Paris

21 Rue d'Assas

PARIS (6) — França

Instituto Superior de Pastoral Catequética

Instituto Superior de Liturgia

Instituto Superior de Pedagogia

Instituto Superior de Estudos Sociais

2. A.M.A.R.

P. Louis Beinaert S.J.

15 Rue Monieur

75 PARIS (70) — França

AM.A.R. Centro de formação de psicologia pastoral

3. Institut d'Études Sociales

21 rue d'Assas

PARIS 6e — França

Institut d'Études Sociales (Depende do Instituto Católico de Paris).

Dirigido pelos Jesuítas. Exige dois anos para a Licença e um ano

ano a mais para o Doutorado.

4. Instituto de Pastoral Catequética de Strasburgo

1 Rue de la Comedie

STRASBURGO, (Bas Rhin) — França

IRLANDA

1. Catechetical and Pastoral Center

Mount Oliver

DUNDALK — Ireland

Curso de Catequese e Pastoral com a duração de 33 semanas em três etapas.

2. Irish School of Ecumenics

Milltown Park

DUBLIN 6, Ireland

Currículo: metodologia, sociologia, história, teologia, pastoral, inter-relações eclesiais, campos de educação. Exige graus acadêmicos prévios.

3. Irish Missionary Union

75 Merrion Square

DUBLIN 2 — Ireland

Currículo: Four-week residential courses on Mission Opportunities and

Problems today in the light of the Vatican Council and post-Vatican thought.

SUIÇA

École de la Foi

P. Loew
Grand Fontaine
1700 FRIBURG — Suíça

Currículo: curso de um ano para iniciação de Vida Comunitária; pastoral em meios subdesenvolvidos.

ESTADOS UNIDOS

1. Weston College: School of Theology

1627 Massachusetts Av.
CAMBRIDGE, MASSACHUSETTS 02138 (U.S.A.)

Currículo: um ou dois anos: MASTER em Teologia com a especialização em direção espiritual.

2. St. Louis University

P. John C. Futrell
Lewis Memorial Residence
3701 Lindell Blvd
St. Louis, Missouri, U.S.A.

Currículo: Curso de Espiritualidade para formadores.

CANADA

Toronto School of Theology

4 St. Thomas St.
TORONTO 181 — Canadá

Seção de Pastoral: um ano de Pastoral geral e especializada.

COLOMBIA

Bogotá Universidad Javeriana

Carrera 5a n. 8-56 Apdo. Aereo 25681 — Bogotá
Instituto Pastoral Latino-Americano de Juventud

Currículo: Curso muy completo de un año.

COMUNIDADE: UNIÃO E AÇÃO, de Dom Paulo Evaristo Arns. Edições Paulinas. Ano 1972. Páginas 350.

LIVROS NOVOS

A primeira impressão diante de um menino de seus cinco anos é de que seu "eu" não é feito apenas de seu corpo e de seu espírito, mas também de seu relacionamento. Atrás dele está a mãe e está o pai. Estão sobretudo os novos companheiros do Jardim de Infância e da tia Regina, que é a Professora. O "eu" não apenas surgiu da família, mas se afirma numa comunidade de outras crianças e de outros jovens e adultos.

Como este menino não escolheu seus pais também não escolherá a comunidade em que deverá expandir-se e ser útil. Daqui a pouco, aos 13 ou 14 anos, surgirá o conflito entre a personalidade em maturação e a comunidade com seus ideais estabelecidos. Ninguém chega a desenvolver o "eu" sem o "tu". E este "tu" ampliado deverá enriquecer e não destruir a magnífica obra do amor que é o Homem.

Se perguntarmos ao menino: "Onde é que você é?" — certamente ele responderá e, com orgulho: "sou de São Paulo", "sou de Porto Alegre," "nasci em Belém..." Se, no entanto, lhe perguntarmos: "Com quem é que vive, estuda, se alegra?", ele nos descreverá a vida de uma comunidade intermediária. Na sua mente, surgem rostos amigos. Em seu coração, despertam afetos e seus sonhos giram em torno de profissões de pessoas que ele conhece. Se somarmos tantas comunidades interdependentes vamos chegar à Cidade, ao Estado, à Pátria, à Humanidade.

COMUNIDADE: UNIÃO E AÇÃO, uma reflexão sobre a comunidade cristã feita de amizade, de fé e de real encontro com os homens e com Deus. Isto é fundamental para o destino de cada um dos homens.

A MÃE DO SALVADOR, de Karl Hermann Schelkle. Tradução do original alemão **Die Mutter des Erlösers** por Francisco Saule Luza. Edições Paulinas. Ano 1972. Páginas 90.

Escrever uma vida de Jesus é bastante difícil porque as informações fornecidas pelos Evangelhos abrangem apenas alguns anos da existência de Cristo. Apresentar uma biografia de Maria é quase impossível. As fontes do Novo Testamento não nos oferecem dados suficientes para este fim. Esta falta de dados não deve ser atribuída ao acesso ou a uma menos feliz evolução da tradição. Há motivo para isso. O Novo Testamento não tenciona oferecer uma vida de Jesus e de Maria, porque não quer ser uma simples narração histórica. Ele é o testemunho da Palavra e da Ação de Deus na história. A palavra e a ação divinas devem ser testemunhadas. E aí estão incluídas tanto a Palavra que como pessoa nasce de Deus, quanto as palavras referidas pelas testemunhas a respeito da ação divina e de seu ser.

As páginas da Bíblia querem fazer chegar até nós somente esta palavra. Seguindo esta perspectiva, a tradição mais antiga não selecionou arbitrariamente os fatos da vida de Cristo, das outras personagens bíblicas e da vida de Maria. A historiografia lamentará às lacunas encontradas nas fontes antigas e procurará preencher os vazios mediante atentas considerações psicológicas, que permitirão a reconstrução parcial da vida de então, quer recorrendo a subsídios oferecidos pela história contemporânea, especialmente pelas descobertas arqueológicas, quer, enfim, analisando o modo de vida da camada mais simples dos habitantes da Palestina de nossos dias.

Este método permite uma maior compreensão dos fatos que se verificaram então em circunstâncias análogas. E é com este método que foram escritas as numerosas e, por vezes, amplas "biografias de Maria." Para as definições solenes da Igreja a respeito de Maria, tanto no passado quanto hoje, continuam sendo suficientes as afirmações contidas na Escritura. Uma mariologia fundamentada no Novo Testamento terá a função de fazer conhecer somente o testemunho das afirmações neotestamentárias: a Palavra que provém de Deus e que é a sua própria teologia.

O autor procura, de uma parte, focalizar o conteúdo teológico de cada uma das perícopes do Novo Testamento em que Maria é mencionada; de outra parte, reúne os testemunhos sobre Maria, espalhados pelo Novo Testamento. A obra **A MÃE DO SALVADOR** apresenta, desta forma, o que o Novo Testamento afirma sobre Maria, Mãe e Virgem; sobre Maria, como sinal da Nova Aliança; sobre a Encarnação que nela se realiza por obra do Espírito Santo; sobre a fé em Maria; sobre Maria como Mãe das Dores.

A MÃE DO SALVADOR releva com atenção a posição de Maria na história da Salvação.

MÚSICA POPULAR, de Índios, negros e mestiços, de José Ramos Tinhorão. Editora Vozes. Ano 1972. Páginas 200.

A histórica da cultura, no Brasil, tem sido identificada sempre com a história da cultura das elites. Embora a partir dos fins do século XIX os folcloristas tenham se preocupado em levantar a memória das criações anônimas do povo, predominantemente da área rural, este tipo de estudo também se ressentiu do mes-

mo vício elitista, transformando-se quase sempre numa complicada demonstração de sapiência, com estabelecimento de supostas origens milenares dos fatos estudados, genealogias, paralelismos com fenômenos universais, altos conceitos antropológicos e etnográficos etc.

Em **Música Popular, de índios, negros e mestiços**, o autor procurou afastar-se desses caminhos e métodos, concentrando seu esforço no levantamento da história quase clandestina de uma cultura popular ao nível das camadas mais baixas dos mais antigos núcleos de vida urbana colonial, até a atualidade. Ao mesmo tempo confronta esta corrente de criação com a cultura oficial contemporânea dos fatos apreciados, a fim de ressaltar-lhes as diferenças.

O interesse principal do autor foi o de traçar a história das primeiras manifestações musicais no âmbito das grandes massas das cidades, por isso não considerou a projeção de muitas dessas criações no âmbito da classe média. Foi aliás dentro deste espírito de valorização do talento do povo brasileiro que o autor se dispôs a incluir, pioneiramente, as festas religioso-profanas como exemplos de momentos criadores e divulgadores do gênio da gente das classes mais humildes, nos campos da dança e da música populares.

Desta forma, o autor oferece agora à história da cultura popular urbana no Brasil uma contribuição na inexistente bibliografia das grandes criações anônimas das camadas mais baixas das cidades brasileiras, em quatro séculos de silencioso trabalho criativo.

PATROLOGIA. Vida, Obras e Doutrina dos Padres da Igreja, de Berthold Altaner e Alfred Stuiber. Tradução do original alemão **Patrologie, Leben, Schriften und der Kirchenväter**, pelas Monjas Beneditinas Santa Maria, de São Paulo. Edições Paulinas. Ano 1972. Páginas 550. Um texto escolar. Um livro didático.

CRISTO E OS HOMENS DIANTE DA TENTAÇÃO, de Ladislau Boros. Tradução do original alemão **In der Versuchung**, por Clemente Mahl e Luís Galo. Edições Paulinas. Ano 1972. Páginas 120.

São meditações sobre o caminho da perfeição. É o terceiro livro da Nova Série **Oração e Ação**. As 120 páginas abrange estes capítulos: **1.** A façanha da meditação. **2.** A personalidade de Cristo. **3.** A impotência do Deus onipotente. **4.** A pobreza cristã. **5.** A perfeição. **6.** O Senhor da vida.

A CONTEMPLAÇÃO HOJE, de René Voillaume. Tradução do original francês **La Contemplation Aujourd'hui**, por Adailton Ferreira. Edições Paulinas. Ano 1972. Páginas 60.

É o segundo livro da Nova Série **Oração e Ação**. Estas 60 páginas abrangem dois capítulos: **1.** O amor a Jesus e a Oração. **2.** A contemplação na Igreja hoje.

SÃO PAULO E A MORAL DE NOSSOS TEMPOS, de Jerome Murphy-O'Connor, OP. Edições Paulinas. Ano 1972. Páginas 80.

Primeiro livro de uma nova série **Palavra Viva**. São três capítulos intitulados: **1.** As opções humanas. **2.** O valor contemporâneo das linhas de orientação da moral paulina. **3.** A importância atual das linhas de orientação de Paulo.

A teologia moral é atualmente um dos campos mais difíceis da reflexão cristã. Mais do que qualquer outro setor teológico é este que deve ser impregnado pela Palavra de Deus e pelo ensinamento dos Apóstolos. A reflexão moral sobre o sentido do agir e da existência humanos, sobre o critério objetivo da moralidade, tem desafiado filósofos e teólogos. Todos esbarram no problema do critério da moralidade e como decidir o que é o bem e o mal.

— O homem autônomo e livre não seria aquele que decide subjetivamente, segundo as situações, o que é bom para si? A liberdade humana seria a norma suprema da moralidade?

Tantas perguntas como estas são ouvidas na vida concreta e nos livros dos mais variados tipos. São Paulo tem algo a dizer para os homens de hoje. Não somente por seu anúncio de salvação. Mas principalmente por anunciar que esta salvação consiste no aparecimento do **Homem Novo**, já no seio da história dos homens.

São Paulo e a moral de nossos tempos quer mostrar o que é este homem novo. Não pode ser compreendido numa linha individualista. É o Cristo total no mistério de sua Igreja. Ser-em-Cristo é ser-com-outros. Esta formulação paulina é a maneira de exprimir que Jesus morto e ressuscitado nos salva fazendo-nos viver numa nova comunhão. Somente o amor é que salva. É na vida em comunhão que se pode discernir a verdadeira vontade de Deus, a norma de toda ação moral e o sentido para a existência humana.

Neste momento em que a Igreja incentiva a formação de pequenas comunidades ou comunidades eclesiais de base, o ensinamento de Paulo deveria

ser a norma e a orientação deste ser-com-outros na dimensão da fé cristã.

RECEBEMOS E AGRADECEMOS

MONDO E MISSIONE, novembro 1972. Revista de atualidade e cultura, editada pelo PIME, Pontifício Instituto Para as Missões Estrangeiras, Milão, Itália. **MENSAGEIRO DE SANTO ANTÔNIO**, dezembro 1972. **REFRIGERAÇÃO**, dezembro 1972. **BOLETIM BIBLIOGRÁFICO**, Biblioteca Central, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. **NOTÍCIAS**, revista trimestral da Companhia de Jesus dedicada aos Pais, Benfeitores, Amigos e Colaboradores no apostolado, dezembro 1972.

EGLISE AUJOURD'HUI, outubro 1973. **LE CHRIST AU MONDE**, revista internacional de experiências apostólicas n.º 6, 1972. **VIDA RELIGIOSA**, revista de estudos, informação e orientação para os Institutos Religiosos, Madrid, novembro 1972. Todo o número é dedicado ao estudo da Vida Comunitária. **PERGUNTE E RESPONDEREMOS**, n.º 157, janeiro 1973. Uma revista de cultura que trata de filosofia, ciência e religião, doutrina, bíblia, moral, história do cristianismo. Neste número: **1.** Senhor, ensina-nos a orar, **2.** Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, o que é e o que pretende? **3.** Testemunhas de Jeová, quem são? **4.** Escândalo na Igreja, resenha de um livro.

TEOCOMUNICAÇÃO, revista do Instituto de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, n.º 12, dezembro 1972. **NUEVO MUNDO**, revista de orientação pastoral, outubro 1972. **VIDA EN FRATERNIDAD**, revista da Conferência Argentina de Religiosos. Todo

este número é dedicado ao problema: Renovação da vida religiosa. **PRO MUNDI VITA**, revista do Centro Internacional de Investigação e de Informação, n.º 42. Este número estuda com exclusividade o assunto: Educação e Desenvolvimento na América Latina.

C S E O, Documentação. Novembro 1972. Fatos de Igreja nas sociedades socialistas do Este Europeu. **ESPRIT**, outubro 1972. **ATUALIZAÇÃO**, revista de divulgação teológica. Dezembro 1972. **ESTAMOS CRESCENDO**, Edição CEPAC, Centro de Pastoral Catequética. Livro do aluno. Editora Vozes. **CANTOS PASTORAIS E LITÚRGICOS** para gente jovem, Pe. José Weber, Editora Vozes. Música e texto. **A GRANDE VIAGEM**, de Roque Schneider, SJ. É o quinto livro da coleção Encontro, Editora Vozes, 1972.

TEOLOGIA Y VIDA, revista de Teologia da Universidade Católica do Chile. Quarto Trimestre 1971. Este número estuda especialmente três questões: 1.ª) Profetismo, Teologia, Igreja e Política. 2.ª) Situação da Teologia Católica. 3.ª) As celebrações dominicais sem o sacerdote. **BROTÉRIA** cultura e informação. Outubro 1972. Destacamos: **Que é a Teologia Política?** de Isidro Ribeiro. **A morte do Patriarca Atenágoras**, de Antônio Leite. **VINCULUM**, n.º 108, revista da Conferência dos Religiosos da Colômbia. Todo o número dedicado à vida contemplativa.

A COMUNIDADE TERAPÊUTICA, de Maxwell Jones. Tradução do original inglês **Social Psychiatry in Practice** por Lúcia de Andrade Figueira Bello. Editora Vozes Ltda. Ano 1972. Páginas 200.

O nome de Maxwell Jones talvez seja melhor conhecido, em todo o mundo, que o de qualquer outro psiquiatra inglês. Isto se deve não só a seu exemplo no Hospital Henderson, perto de Londres e no Hospital Dingleton, Melrose, como também por suas eloquentes exposições que lhe valeram ser reconhecido como o autor de uma das mais válidas contribuições para a psiquiatria social: o conceito de comunidade terapêutica.

Conforme suas próprias palavras, isto significa o recurso à mais completa vantagem do potencial terapêutico, que reside em todos os membros de uma equipe multidisciplinar de tratamento e nos pacientes que serão por ela tratados. Mas traduzir este conceito de trabalho não é nada fácil.

Muitos dos que trabalham no campo da saúde mental fizeram peregrinações ao Hospital Henderson ou de Dingleton, e muitas "profissões auxiliares" quiseram trabalhar com Jones, para aprender suas técnicas. Muitos outros lhe imitaram o exemplo no próprio trabalho diário.

Muitos outros psiquiatras e sociólogos argumentam que os comportamentos anti-sociais e os distúrbios emocionais podem ser quase sempre interpretados como uma falha na aprendizagem do relacionamento com outras pessoas. Maxwell Jones de bom grado dá crédito a estes pioneiros da terapia grupal tais como Bion, Foulkes e Main, todos contemporâneos seus durante a guerra. Jones, porém, criou comunidades terapêu-

PSICANÁLISE DA CRIANÇA, Victor Smirnoff
Editora Vozes. Ano 1972. Páginas 350.

Nos últimos cinquenta anos a análise da criança tornou-se importante área da pesquisa psicanalítica. E este livro dá excelente idéia do desenvolvimento teórico neste campo. Smirnoff define bem os objetivos da análise infantil e sua relação com os campos afins: a psiquiatria e a psicologia da criança. Apresenta as diversas escolas da análise infantil e comenta as contribuições de Anna Freud, Melanie Klein e D. W. Winnicott. Descreve também pesquisas feitas na América e na França. O livro interessa não só a analistas mas também aos que se ocupam de Ciências Humanas: em particular, de Antropologia, de Psicologia e de Sociologia.

O autor: Victor Smirnoff doutorou-se em Medicina, em Paris. De 1950 a 1952 foi bolsista da Fundação Rockefeller num curso de Psiquiatria nos Estados Unidos. Desde 1955 é diretor da Clínica de Higiene Mental de Paris. É o Secretário-Geral da **Association Psychanalyse de France** e co-editor de **La Nouvelle Revue de Psychanalyse**.

ticas, dotadas de tal fervor, que poucas outras pessoas poderiam inspirar. Isto não se deve simplesmente à sua liderança pessoal, mas também ao seu dom para liberar as possibilidades construtivas nos pacientes e nos colegas.

Maxwell Jones é, acima de tudo, um democrata autêntico. Começou a demonstrar uma forma não autoritária de "participação dos assistentes". Diversamente da maioria de nós, ele resistiu à tendência, comum nas pessoas de meia

idade, para considerar que os mais velhos em idade ou superiores em status devem sempre ser mais competentes. Na maioria dos hospitais é uma tradição profundamente arraigada e sem dúvida inestimável quando os pacientes estão criticamente enfermos e necessitados de cuidadoso tratamento, segundo normas claramente definidas.

Mas são relativamente poucos os pacientes que necessitem disto. Sempre que assomam fatores emocionais na en-

fermidade do paciente, a sensibilidade para com seus sentimentos e para com as interações humanas na vida cotidiana se torna precisamente tão importante quanto os métodos médicos tradicionais de tratamento. Esta sensibilidade pode adquirir-se mediante treinamento: pacientes, enfermeiras, assistentes sociais, terapeutas ocupacionais e sociais, bem como os próprios médicos, todos podem adquiri-la.

Esta descoberta de sua própria contribuição positiva imbuí a comunidade de um sentimento de finalidade, que muitas vezes falta no tratamento hospitalar psiquiátrico. Numa comunidade terapêutica aprende-se a abordar as pequenas crises surgidas em toda a vida de grupo não como empecilhos que se devem desprezar ou sumariamente resolver, mas antes como situações de "aprendizagem ao vivo" — um termo predileto de Maxwell Jones — que muito nos podem ensinar sobre a dinâmica das interações pessoais, tanto benéficas como prejudiciais.

O manejo deste tipo de terapia não pode, como também a prática da psicoterapia, ser aprendido apenas nos livros. É necessário imergir-se no mesmo e participar, sob a orientação de um médico experimentado. Mas para aqueles que provavelmente não poderão ouvir e observar Maxwell Jones em ação, este livro pode proporcionar com muita clareza não apenas as idéias gerais que impregnaram todo o seu trabalho, mas também algo da excitação de trabalhar nas comunidades terapêuticas especiais, que ele pessoalmente criou. (G.M. Carstairs)

PODE-SE PROVAR A EXISTÊNCIA DE DEUS?, de João Duns Escoto. Introdução, tradução e notas de Raimundo Vier. Editora Vozes. Ano 1972. Páginas 88.

Já se disse, com razão, que nenhum outro filósofo escolástico trabalhou com tanto afincamento e concentração como Escoto na elaboração de uma prova da existência de Deus verdadeiramente válida e completa. Não é de estranhar, pois, que de há um século a esta parte e, notadamente, desde os trabalhos de pioneirismo, realizados por Parthenius Minges, na Alemanha, e Déodat de Basly, na França, a teologia natural de Escoto venha atraindo, em ritmo crescente, a atenção dos historiadores da filosofia cristã. A partir de então, os estudos monográficos sobre a teodicéia de Escoto, vêm se multiplicando quase a perder de vista.

Chegou a hora de proporcionar aos estudiosos da história das idéias em nosso país e, de modo especial, aos jovens estudantes de filosofia, a oportunidade de travar conhecimento direto com um dos tratados da teodicéia escotista, justamente celebrado como o "ponto mais alto da especulação escolástica".

CADERNOS DO CEAS (Centro de Estudos e Ação Social). N.º 21, outubro 1972.

Este número é dedicado ao Censo e ao Nacionalismo. A publicação dos dados do Censo oferece a oportunidade de voltar-se a um assunto de grande importância: a distribuição da renda no Brasil. O primeiro artigo oferece uma leitura sistemática daquilo que os números dizem a respeito da renda. Não há novidade. A realidade vivida por

milhões de brasileiros e facilmente observada por todos os que têm olhos para ver é plenamente confirmada pelos números do Censo.

Contudo, os números, as tabelas, os gráficos, a observação imediata não mostram toda a realidade. O segundo artigo descobre o que há por trás dos dados. A concentração da renda e a consequente miséria da maior parte da população. Não é uma fatalidade mas o fruto de um modelo econômico apresentado como único meio para o progresso do Brasil.

O último artigo deste caderno inicia uma reflexão sobre o fenômeno do nacionalismo. Quer-se ver o que há por trás da imagem do Brasil defendida oficialmente. Quer-se saber se a participação do povo na construção de um Brasil grande é real e espontânea ou é só um sentimento criado artificialmente a fim de ampliar a base popular. É uma reflexão inicial que deverá ser continuada.

CONSCIÊNCIA, SEMENTE DE GENTE,
Marcos Noronha. Editora Vozes. Ano 1972. Páginas 80.

Escreve o autor:

— Este livro quer ser em cada página, e nos seus silêncios, uma procura de entraves, aquilo que não deixa alguém viver plenamente. E procura de esperança também. Que impede a vida? Quem não deixa o homem ser ele mesmo, realizando suas potencialidades todas? Quem trabalha o projeto-homem, dentro do grande projeto-mundo? É o problema que as ciências sociais, têm pela frente, cada vez mais.

— Há infinidade de respostas buscadas no chão, dados científicos imedia-

tos, na análise da sociedade contemporânea e na alienação que a marca. Bastará esta verificação? Não se pode procurar também, de outro modo, a alienação chamada inconsciência? Não é lícito, na ficção, buscar o medo velho que mora para lá dos olhos? Não é bom vasculhar telhado e porão?

— Cada pessoa, cada família, cada povo, cada civilização tem estas dependências carregadas de fantasmas e aderências. A gente se esquece de buscar também aí as amarras do homem. Cada um vai construindo sua vida, sua verdade, com os dados de sua experiência particular e se esquece das heranças culturais que recebe. Entra sorrateiramente um mundo de convenções, de formalidades e de hábitos que acabam como tribunal de apelação para aquilo que a vida não sabe ainda resolver.

— E o homem fica escravo desses mitos cada vez mais bem vestidos. É preciso libertar o homem de seus condicionamentos pessoais e culturais, para que possa emergir o eu consciente, o eu pleno e livre, único capaz de viver. É preciso ampliar a faixa do consciente, reduzindo o campo das forças cegas, da opressão e do medo velho que pesam nos ombros e para lá deles. Libertar é muito mais que fazer diagnóstico. É pesquisa que vai além da cabeça, pois exige também emoção. Exige o susto de ver e sentir com realismo o que está por dentro.

— Eu tentei fazer isto: ir ao ontem do homem e do mundo, espaço e tempo, pelo caminho do avesso. E ver, nesta noite interior, neste sono da ilha-homem, na visão do mal, uma esperança nova para quem tiver a coragem de fazer a jornada do lado de lá.